



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A IDENTIDADE CULTURAL NO FUTEBOL  
GLOBALIZADO: BARCELONA, ATHLETIC BILBAO  
E A MANUTENÇÃO DAS RAÍZES CULTURAIS**

**RENATO SENNA MAIA**

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A IDENTIDADE CULTURAL NO FUTEBOL  
GLOBALIZADO: BARCELONA, ATHLETIC BILBAO  
E A MANUTENÇÃO DAS RAÍZES CULTURAIS**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**RENATO SENNA MAIA**

**Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa**

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A Identidade Cultural no Futebol Globalizado: Barcelona, Athletic Bilbao e a manutenção das raízes culturais**, elaborada por Renato Senna Maia.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa  
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Expressões e Linguagens – UFRJ

Prof. Dr. Eduardo Refkalefsky  
Doutor em Ciências Sociais Aplicadas pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Fernando Ewerton  
Doutor em Ciência da Informação – IBICIT/UFRJ  
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2016

## FICHA CATALOGRÁFICA

SENNÁ, Renato.

A Identidade Cultural no Futebol Globalizado: Barcelona, Athletic Bilbao e a manutenção das raízes culturais. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientador: Gabriel Collares Barbosa

Senna, Renato. **A Identidade Cultural no Futebol Globalizado: Barcelona, Athletic Bilbao e a manutenção das raízes culturais.** Orientador: Gabriel Collares Barbosa.  
Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## **RESUMO**

Este trabalho demonstra como o futebol está sendo afetado pelo processo de globalização. O objetivo deste trabalho é mostrar que há alternativas melhores do futebol brasileiro se modernizar, porém sem perder sua identidade, se inspirando no Barcelona e no Athletic Bilbao, que têm fortes ligações com a Catalunha e o País Basco, respectivamente. O trabalho faz uma análise da evolução do conceito de cultura, da questão da crise da identidade no mundo pós-moderno, das identidades nacionais e da tensão entre o local e o global no mundo globalizado. A partir disto, o trabalho mostra como a globalização tem afetado o futebol e como Barcelona e Athletic têm mantido suas raízes culturais apesar de haver uma tendência de perda de identidade nacional nas equipes de futebol atualmente.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe, Ana Helena, ao meu pai, Jorge, à minha avó, Teresinha, e ao meu avô, Roberto, por tudo.

Aos meu irmãos, primos e tios por estarem sempre ao meu lado.

Ao meu orientador Gabriel Collares, a Camila Augusta, que mesmo sem precisar me ajudou bastante, e a todos meus professores pelos ensinamentos.

Aos amigos de primeiro período Arthur, Bruno, Gabo, Isadora, Kim, Maria, Marianna, Mariana, Medeiros, Nathalia, Pieter, Renata e Sidney por tornarem a faculdade menos insuportável.

Ao amigos de Copa Campus, Áudio Ativo, Atlética, Ecos do JUCS e dos projetos que jamais saíram do papel, pelas ideias e ideais.

Ao chefes Guilherme Coreixas, Guilherme Alencar, Jorge Delou, Henrique Mazzei, Diego Vieira, Henrique Marques, André Henning, Bruna Menezes, Natasha Neri, Ricardo Zanirato, Gabriel Torres, Bianca Leão, Barbara Lima e demais companheiros de trabalho, por colaborarem com meu crescimento, tanto profissional quanto pessoalmente.

Aos amigos Bernardo, Caio e Guilherme, que o futebol colocou na minha vida, pelas inúmeras conversas sobre futebol, que certamente colaboraram com este trabalho.

À amiga Camille, pela amizade na situação mais improvável e por me dar todo apoio no momento que mais foi preciso.

Por fim, a todos aqueles que um dia já dividiram uma quadra, um campo ou uma sala de aula, locais sagrados nesse plano de existência.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>IDENTIDADE, CULTURA E GLOBALIZAÇÃO .....</b>	<b>5</b>
	<b>2.1 Conceito de cultura .....</b>	<b>5</b>
	<b>2.2 A questão da identidade .....</b>	<b>12</b>
	<b>2.3 Identidade nacional .....</b>	<b>18</b>
	<b>2.4 O ‘glocal’: a tensão entre o global e o local no mundo globalizado .....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>FUTEBOL, GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL .....</b>	<b>27</b>
<b>4</b>	<b>ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>41</b>
	<b>4.1 FC Barcelona: ‘més que um club’ .....</b>	<b>41</b>
	<b>4.2 Athletic Bilbao .....</b>	<b>58</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>64</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No ano de 2007, o Brasil foi eleito como o país-sede da Copa do Mundo de 2014. Dos 12 estádios utilizados no Mundial, quatro eram completamente novos e os outros oito foram reformados, sendo que, em muitos casos, os estádios reformados foram praticamente postos abaixo e foram construídos outros praticamente novos. Com essas reformas, veio um novo conceito de instalação: as arenas futebolísticas. As modernas arenas foram projetadas para dar maior conforto ao público e, principalmente, para trazer um público diferente às partidas de futebol.

O conseqüente encarecimento do preço dos ingressos tem afastado as classes mais baixas dos estádios brasileiros. Com isso, o perfil do público que assiste às partidas do seu time *in loco* tem mudado, para o perfil de um torcedor mais rico e que, por diversas razões, não estava acostumado a ir ao estádio ver seu time com frequência. Isso causa uma mudança drástica na cultura futebolística brasileira.

Nos grandes centros europeus, especialmente na Inglaterra, esse processo já foi vivido, no começo dos anos 90. Muitos acreditam que a diferença do futebol europeu para o futebol sul-americano está no local do estádio onde o espetáculo acontece. Enquanto na Europa o espetáculo está dentro de campo, já que os principais jogadores do mundo atuam nas principais ligas do Velho Continente, o espetáculo do futebol sul-americano está nas arquibancadas, em suas torcidas apaixonadas, com suas canções, bandeiras e outros elementos que compõem a festa dos estádios da América do Sul. O famoso “Padrão FIFA” é uma importação cultural do estilo europeu de estádio, uma vez que os grandes cargos da entidade máxima do futebol são regidos por europeus desde 1998. Podemos dizer que essa é uma das conseqüências da globalização no futebol.

O processo de globalização vem, ao longo dos tempos, modificando a evolução das culturas locais, de forma que estamos observando uma mundialização da cultura, dos hábitos e do consumo. Assim, a identidade cultural é deslocada e passa a sofrer, também, influência de ações externas. Uma das possíveis conseqüências disso, e que também é um dos maiores temores de muitos, é o de que, no futuro, as culturas locais sejam extintas, dando lugar a uma cultura global, homogênea.

Dessa forma, este trabalho se propõe a analisar a forma com que a globalização está influenciando nas culturas locais e quais as suas conseqüências no mundo do futebol. O objetivo é mostrar dois casos distintos de como dois clubes conseguem manter suas raízes culturais, apesar de toda a influência da globalização.

No primeiro capítulo, veremos, com base no livro “Cultura: um conceito antropológico”, de Roque de Barros Laraia, como o conceito de cultura foi evoluindo ao longo do tempo, até chegarmos às formas que ela é estudada nos dias de hoje. Também veremos o conceito de Zygmunt Bauman de modernidade líquida, ou pós-modernidade, e, tomando por base o livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, como esta nova fase nas relações humanas estão afetando a identidade do homem.

O primeiro capítulo também tratará da questão da globalização, mostrando toda sua evolução até chegar à compressão espaço-tempo dos dias atuais e como as identidades nacionais estão passando por uma crise com esse processo, que se acelerou de forma exponencial nos últimos 40 anos. Por fim, veremos uma alternativa para fugir da dicotomia global *versus* local, o conceito de cultura glocal, introduzido por Roland Robertson, que mostra como os dois têm uma interação e uma relação de troca muito mais mútua do que se imagina.

No segundo capítulo, vamos tratar da globalização no futebol. Veremos como a partir década de 1990, com o fortalecimento e a consolidação da União Europeia (EU), o futebol passou a provar das influências da globalização em suas diversas áreas de atuação. Os estrangeiros passaram a invadir a Europa. De um dia para o outro, as regras de estrangeiros foram completamente mudadas. Espanhois, italianos, ingleses, alemães, franceses, holandeses, não eram mais considerados estrangeiros. Assim, abriu-se espaço para brasileiros, argentinos, uruguaios, nigerianos, camaroneses, japoneses e etc. Cada vez mais, jogadores latino-americanos, africanos e asiáticos tomavam os gramados dos grandes times europeus. No ano de 2010, por exemplo, a Inter de Milão disputou a final da UEFA Champions League (UCL), maior torneio entre clubes do mundo, sem nenhum italiano entre os titulares (dos 14 jogadores que entraram em campo pela equipe milanesa naquele dia, apenas Marco Materazzi, que entrou no minuto 90, era italiano).

Da mesma forma que o resto do mundo invadiu a Europa, a Europa invadiu o resto do mundo. Os clubes do Velho Continente são marcas globais. Hoje em dia, os principais campeonatos nacionais do futebol europeu são televisionados para os cinco continentes. A final da UCL teve audiência mundial de cerca de 150 milhões de telespectadores. Os clubes europeus se transformaram em verdadeiras empresas transnacionais e, hoje, fazem suas pré-temporadas em países asiáticos, nos EUA e, até mesmo, na América do Sul. E quantas camisas de Real Madrid, Barcelona, Manchester United, Chelsea e afins não vemos atualmente nas ruas brasileiras? E não é só no Brasil que esses clubes estão conquistando mercado. Com a ida de grandes ídolos para lá, argentinos, uruguaios, mexicanos, japoneses,

australianos, também estão consumindo os produtos, costumes e a cultura do futebol europeu. Já existem jovens brasileiros que não torcem mais para Flamengo, Fluminense, Corinthians, Grêmio. Eles já são adeptos dos clubes europeus.

Thomas Friedman, colunista do *New York Times* e grande sacerdote da nova ordem louvou ‘a inexorável integração de mercados, Estados-nações e tecnologias em um grau jamais observado antes – de uma forma que está habilitando indivíduos, corporações e Estados nacionais a se contatarem com o mundo de maneira mais ampla, rápida, profunda e barata do que em qualquer época’. Como fã de futebol, eu entendia exatamente o que ele estava dizendo. Não se tratava apenas da maneira como a Internet e os satélites haviam tornado o mundo do futebol tão menor e tão mais acessível. Era possível ver a globalização em ação: nos anos 1990, times bascos, orientados por técnicos galeses, abastecidos por jogadores da Holanda e da Turquia; equipes da Moldávia importavam jogadores nigerianos. Subitamente parecia que, para onde se olhasse, fronteiras e identidades nacionais tinham sido varridas para a lata de lixo da história (...) O futebol parecia estar muito mais adiantado no processo de globalização do que qualquer outra economia do planeta. (FOER, 2005, p. 8-9)

Como reação ao processo de globalização, veremos que há três hipóteses: o primeiro é, como já dito, a supressão das culturas locais por uma cultura global homogênea. O segundo é a adaptação da cultura global aos valores locais. E o terceiro é a completa rejeição e uma “tribalização” da cultura local. Como podemos encaixar a mudança do perfil socioeconômico dos torcedores brasileiros na primeira hipótese, este trabalho vai se propor a estudar dois casos no futebol espanhol que correspondem às outras duas hipóteses.

O terceiro capítulo fará um estudo de caso de como o FC Barcelona e o Athletic Bilbao mantêm suas raízes culturais em meio a todo esse cenário caótico que vivemos nos dias atuais. Mostraremos como a própria formação território da Espanha é uma analogia ao processo de globalização. Durante muito tempo, o país foi bastante dividido. Eram vários reinos distintos, com vários povos e várias línguas distintas. Alguns desses reinos tinham maior autonomia, outros não. A partir do século XIX, tentou-se criar uma identidade única espanhola. No século seguinte, os espanhóis viveram grande parte dele sob domínios de duas ditaduras centralizadoras, sob o comando de Primo de Rivera (1923 a 1930) e de Francisco Franco (1939 a 1975), além de uma Guerra Civil (1936 a 1939).

Durante todo esse período, as regiões perderam sua autonomia e o Estado passou a exercer forte repressão a quaisquer manifestações não apenas políticas, mas também civis, já que manifestações culturais locais também eram reprimidas. Dessa forma, Barcelona e Athletic Bilbao aparecem como a única forma que catalães e bascos, respectivamente, tinham de, através do futebol, exprimir seus sentimentos regionalistas. Por outro lado, o Real Madrid se consolida como inimigo mortal de ambas as equipes, não apenas pela simbologia de ser a

equipe “Real” e o clube da capital centralizadora, mas também por ser o time pelo qual o ditador Franco torcia e, supostamente, se beneficiar do regime.

Mostraremos como o Barcelona, mesmo recheado de jogadores estrangeiros durante a sua história, consegue ser o principal símbolo da Catalunha, sendo considerado “mais que um clube”, como o próprio lema do clube já diz. Também veremos como esse apoio à causa catalã fez com que a equipe azul-grená se tornasse essa potência que é hoje em dia, figurando entre os clubes mais ricos e mais vitoriosos do mundo.

Também veremos como o Athletic Bilbao é um paralelo futebolístico da região de Euskal Herría. Mesmo com as constantes invasões sofridas pela Península Ibérica durante sua história, o povo basco se mantém no mesmo lugar há muito tempo, praticamente sem grandes conflitos. O Athletic incorporou esse fechamento do povo basco e só aceita jogadores nascidos em Euskal Herría, ou que tenham feito parte das categorias de base de algum clube do País Basco. Dessa forma, o Barcelona pode ser visto como o clube que adequou o global às suas necessidades locais, enquanto os *Leones* são o outro lado da moeda, o clube que se fechou completamente à globalização.

Com isso, este trabalho pretende mostrar que há modos de modernização do futebol brasileiro sem que se perca a essência do futebol brasileiro, que está na manifestação de uma massa homogênea formada substancialmente por indivíduos heterogêneos nas arquibancadas dos estádios Brasil afora. Através do caso de sucesso de Barcelona e Athletic Bilbao, podemos demonstrar que essa modernização sem a perda de seus valores culturais primitivos, é possível sim.

## 2 IDENTIDADE, CULTURA E GLOBALIZAÇÃO

O mundo tem sido bastante afetado pelo processo de globalização nos últimos tempos. Esse processo, que começou há mais de 500 anos, alcançou um avanço exponencial nas últimas cinco décadas, com o advento dos meios de comunicação de massa e está mudando a forma como o mundo interage. A seguir veremos a evolução do conceito de cultura, as mudanças que a globalização tem trazido para a identidade do homem e a forma que as culturas globais e locais estão interagindo.

### 2.1 Conceitos de Cultura

Quatro séculos antes de Cristo, Confúcio<sup>1</sup> já apresentava o “pontapé inicial” para os diferentes conceitos de cultura que viriam a ser estabelecidos posteriormente. De acordo com Laraia (2001), ele já admitia que o meio no qual o ser humano está inserido influencia em seus costumes. Para ele, "a natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados" (LARAIA, 2001, p.10). Quando o homem começou a se organizar em sociedade, houve um fator fundamental para formação dos povos: as limitações geográficas. E foi em cima delas que as primeiras civilizações começaram a criar suas culturas.

A partir de uma origem biológica comum, os grupos humanos se expandiram progressivamente, ocupando praticamente a totalidade dos continentes do planeta. Nesse processo, o contato entre grupos humanos foi frequente, mas a intensidade desses contatos foi de forma a permitir muito isolamento, e muitas histórias paralelas marcaram o desenvolvimento dos grupos humanos. (SANTOS, 2006, p. 10)

Tanto Santos (2006) quanto Laraia (2001), porém, afirmam que a localização geográfica não é fator fundamental para a definição dos meios de interação dos seres humanos com os recursos naturais. O desenvolvimento dos grupos humanos se deu através de ritmos diversos e modalidades variáveis. Sendo assim, ainda que grupos diferentes houvessem habitado territórios semelhantes, os mesmos foram ocupados de formas distintas. Além das limitações biológicas e geográficas, os diferentes grupos humanos também precisaram procurar meios para se adaptar à vida em sociedade.

Apesar de toda essa diversidade, podem-se observar algumas tendências dominantes, como no caso da sedentarização dos diferentes grupos humanos. Num dado momento, o homem começou a adaptar o ambiente, por meio do desenvolvimento da agricultura e da domesticação de animais, e passou a se estabelecer em aldeias e vilas, substituindo, assim, o nomadismo e sua dependência da caça e da coleta. E sedentarização, então, não é apenas uma

---

<sup>1</sup> Filósofo chinês, que viveu entre os anos 552 a.C. e 479 a.C.

simples resposta dos grupos humanos aos recursos naturais, mas, sim, a forma encontrada para superar os conflitos de interesse e tensões geradas na vida social. Desta forma, ela só foi possível porque os seres humanos foram capazes de reorganizar suas vidas sociais de modo satisfatório e criaram novas formas de desenvolvimento, através da alteração das condições dos recursos naturais existentes.

A cultura age seletivamente, e não casualmente, sobre seu meio ambiente, explorando determinadas possibilidades e limites ao desenvolvimento, para o qual as forças decisivas estão na própria cultura e na história da cultura. As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura. (LARAIA, 2001, p. 24)

O conceito de cultura, como entendido nos dias atuais, foi primeiramente definido no século XIX. Segundo Laraia (2001), Edward Tylor trouxe para o inglês na palavra “*Culture*”, a aglutinação de dois termos: o “*Kultur*”, que em germânico se referia aos aspectos espirituais de uma comunidade, e o francês “*Civilization*”, que simbolizava as conquistas materiais de uma sociedade. A ideia de Tylor, porém começou a ganhar corpo ainda no século XVII, com John Locke. Em “Ensaio sobre o Entendimento Humano”, Locke apresentou o conceito que, hoje, consideramos como endoculturação. Para ele, a mente humana poderia ser representada como uma caixa vazia, na ocasião do nascimento, com capacidade ilimitada de receber conhecimento. A ideia de Locke foi contra o pensamento recorrente à época, de que princípios e verdades inatas eram impressos hereditariamente na mente humana. Em referência a Locke, o antropólogo Marvin Harris, em 1969, afirmou que “nenhuma ordem social é baseada em verdades inatas, uma mudança no ambiente resulta numa mudança no comportamento”(LARAIA, 2001, p.26).

Pouco depois de Locke, no século XVIII, Laraia (2001) destaca os conceitos de Jacques Turgot e Jean Jacques Rousseau. Em “Plano para dois discursos sobre história universal”, Turgot afirmou que o homem tem uma herança sempre crescente, pois seu vasto conjunto de signos o permite, não apenas reter suas ideias, mas também comunica-las a seus descendentes. Seguindo essa mesma linha, Rousseau afirma, em “Discurso sobre a origem e o estabelecimento da desigualdade entre os homens”, que a educação foi o fator primordial que diferenciou os homens dos macacos e completou o processo de evolução.

Laraia (2001) cita a obra “Primitive Culture”, na qual Tylor descreve a cultura como um fenômeno natural que possui causas e regularidades. Assim, ela poderia ser objeto de um estudo sistemático, capaz de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução. Ele, então, estabeleceu uma escala de evolução da cultura de uma sociedade, na qual as tribos selvagens representavam o extremo menos evoluído e as civilizações europeias o extremo mais evoluído, com todas as outras sociedades se posicionando em níveis culturais intermediários na escala. Assim, de acordo com Tylor, só se poderia compara duas sociedades se ambas estivessem num mesmo grau de evolução cultural.

Para contextualizar a obra de Tylor, em meados do século XIX, a Europa encontrava-se impactada pelas teorias evolucionistas de Charles Darwin, manifestada em “A Origem das Espécies”. Desta forma, os estudos antropológicos da época foram dominados pela perspectiva do evolucionismo unilinear. Deste ponto de vista, as sociedades europeias estavam sempre em vantagem às outras culturas, uma vez que as outras sociedades precisavam percorrer etapas já percorridas pelas mais avançadas, que eram as sociedades europeias. Logo, tratava-se de um processo discriminatório e etnocêntrico. De acordo com Laraia, a grande falha dos estudos de Tylor foi em não reconhecer os múltiplos caminhos da cultura. E seu grande mérito foi de ter superado os demais nas críticas inteligentes de relatos de viajantes e cronistas coloniais. Diferente de outros antropólogos da época, Tyler se recusava a aceitar afirmações, segundo ele, sobre evidências frequentemente erradas e nunca conclusivas, como, por exemplo, de que grupos tribais eram desprovidos de religião.

A abordagem multilinear, de acordo com Laraia (2001), da cultura começa com Franz Boas, que desenvolve a Escola Cultural Americana. Para Boas, o estudo antropológico deve ser calcado em duas tarefas: na reconstrução da história de povos ou regiões particulares e na comparação da vida social de diferentes povos, cujo desenvolvimento segue as mesmas leis. Sua teoria se baseia em investigações históricas para definir os traços de cultura, de forma que cada cultura segue um caminho próprio em função dos eventos históricos atravessados por ela.

Já o antropólogo americano Alfred Kroeber (1949), afirma que a cultura se sobrepõe às limitações orgânicas do ser humano, distanciando-o do resto do mundo animal. Kroeber apresentou a distinção entre o vital e o social, ou como explicou em outras palavras, entre o orgânico e o cultural. Para garantir sua sobrevivência, o ser humano precisa satisfazer a um número de funções vitais. Ainda que essas funções vitais sejam comuns a toda a humanidade, a forma com a qual elas são satisfeitas muda de cultura para cultura. Para Kroeber, são essas variações que fazem que o homem seja um ser predominantemente cultural. Ele também

introduziu o conceito de que o comportamento do homem não é biologicamente determinado, nem que seus atos e pensamentos não são condicionados pela herança genética de seus antepassados, mas sim, por um processo de aprendizado.

Como parte do reino animal, o homem faz parte de um processo evolutivo que causou mudanças a muitas espécies. Mudanças orgânicas, no organismo dos seres vivos e na forma com que estes reagem à natureza. Por outro lado, o homem não sofreu mudanças orgânicas e, mesmo com um corpo pobre e frágil em relação aos outros animais, foi capaz de habitar todos os ambientes do planeta. O ser humano, simplesmente, conseguiu ampliar as capacidades do seu corpo e superar suas limitações com extensões do seu corpo, sem sofrer mutações em seu organismo.

Não faz muitos anos que os seres humanos também atingiram o poder da locomoção aérea. Mas o processo pelo qual esse poder foi alcançado, e os seus efeitos, são completamente diferentes daqueles que caracterizaram a aquisição, pelos pássaros, da faculdade de voar. Nossos meios de voar são exteriores aos nossos corpos. O pássaro nasce com um par de asas; nós inventamos o aeroplano. O pássaro renunciou a um par potencial de mãos para obter suas asas; nós, porque a nossa faculdade não é parte de nossa constituição congênita, conservamos todos os órgãos e capacidade de nossos antepassados, acrescentando-lhes a nova capacidade. O processo do desenvolvimento da civilização é claramente acumulativo. conserva-se o antigo, apesar da aquisição do novo. Na evolução orgânica, a introdução de novos traços só é geralmente possível mediante a perda ou modificação de órgãos ou faculdades existentes. (KROEBER, 1949, p. 235)

Com este exemplo, Kroeber demonstra que o homem superou o orgânico e, desta forma, libertou-se da natureza, criando seu próprio processo evolutivo. Foi exatamente isso que fez com que o ser humano pudesse se expandir por todos os cantos da Terra, se tornando o único animal a conseguir o feito de ter o planeta inteiro como seu hábitat.

Se com os outros seres do reino animal a perda de uma característica é condição para a aquisição de outra, nos seres humanos, essa condição aparece apenas uma vez. Ao adquirir cultura, o homem perdeu a capacidade de repetir, de forma instintiva e geneticamente determinada, os atos de seus antepassados. Para exemplificar, Kroeber utiliza duas situações. Um cachorro, ao nascer, é retirado de sua mãe e colocado para viver entre gatos. Apesar de estar com outros animais, o cachorro jamais deixará de latir, abanar o rabo ou pular em cima de seu dono, para miar, levantar o rabo ou esfregar seu corpo no dono, como fazem os gatos. Quando se sentir acuado, ele irá morder e não arranhar. Será capaz de sentir o cheiro de uma cadela no cio. A linguagem canina está incubada nele de modo inextirpável, de forma que, nenhum grau de contato com gato, o fará aprender a linguagem felina ou perca a sua. Ele agirá como sua mãe e seus antepassados agiriam. Já se um bebê francês recém-nascido for

retirado de sua mãe e criado entre chineses, ao crescer, ele não falará uma palavra sequer de francês, e sim o puro chinês, sem qualquer sotaque estrangeiro.

Muitas pessoas podem afirmar que o homem usa também se guia por alguns de seus instintos, sem a dependência da cultura. É bem verdade que um bebê aprende a mamar de forma instintiva. Porém o tempo que um bebê usará apenas seus instintos é muito curto. Ainda bem cedo, ele passa a imitar o comportamento dos que estão à sua volta e, então, seu comportamento será guiado pelos padrões culturais da sociedade na qual está inserido. O mesmo acontece quando tenta-se argumentar com outros instintos, como o de conservação da vida, o materno, entre outros. Como explicar o instinto de conservação aos homens-bomba, por exemplo? Assim sendo, tudo o que o homem faz, aprendeu com seus semelhantes. Desta forma podemos perceber como disse Kroeber:

O homem é resultado do meio social no qual ele foi socializado. Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação criativa e adequada desse patrimônio cultural permite as inovações e invenções (KROEBER, 1949).

A cultura pode, também, ser entendida como um processo acumulativo. Outro fator que diferencia o ser humano dos animais é a capacidade de comunicação. Um chimpanzé e uma criança têm a mesma evolução e o mesmo grau de aprendizagem até o primeiro ano de vida. A partir do momento que a criança aprende a falar, a diferença entre os dois começa a crescer exponencialmente, pois a criança vai recebendo todas as informações culturais através da comunicação oral. Apesar de sua enorme capacidade de observação, o chimpanzé não consegue acompanhar o desenvolvimento porque o conhecimento não lhe pode ser passado. Assim, tudo o que o chimpanzé aprende, morre com ele e não é transmitido a seus descendentes. Diferente do homem, cujas experiências são adquiridas e passadas a seus sucessores, gerando, assim, um processo acumulativo interminável.

Laraia (2001) apresenta as teorias modernas sobre o conceito de cultura, sob a perspectiva do antropólogo Roger Kessing, que divide, em seu artigo “Theories of Culture”, os estudos por duas linhas diferentes: a visão neo-evolucionista e a visão idealista. Na primeira, ele enquadra estudos de Leslie White, Marshall Sahlins, Marvin Harris e outros, cujos pontos de convergência são: classificação de cultura como sistemas de padrão de comportamento socialmente transmitidos e que servem para adaptar as sociedades às suas características biológicas; caracteriza, também, a mudança cultural como um processo de evolução natural do ser humano; caracteriza a tecnologia, os elementos de organização social

ligados à produção e a economia de subsistência como o domínio da cultura que mais tem a capacidade de ser adaptado.

Quanto às teorias idealistas da cultura, Kessing a subdivide em três linhas de pensamento. A primeira, encabeçada pelos estudos de Ward Goodenough, trata a cultura como um sistema cognitivo e se baseia na análise de modelos construídos pelos membros da comunidade, também conhecido como sistema de classificação de *folk*. Para Goodenough, a cultura “consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para poder operar de maneira aceitável dentro de uma comunidade”. Deste modo, observa Kessing, a cultura estaria situada epistemologicamente num mesmo domínio que a linguagem, de forma que os novos etnógrafos têm se apropriado de métodos linguísticos.

A segunda linha, encabeçada por Claude Lévi-Strauss e que teve grande aceitação no meio acadêmico brasileiro. Lévi-Strauss define a cultura como um sistema estrutural e simbólico. Para ele, a cultura seria uma criação acumulativa da mente humana. Desta forma, sua linha acaba por formular uma nova teoria da unidade psíquica humana, na qual o pensamento do ser humano estaria submetido a regras inconscientes. Seus estudos se baseiam em descobrir a estruturação dos domínios culturais como arte, mito, parentesco e linguagem. Lévi-Strauss faz uma metáfora da cultura, comparando-a a um jogo de cartas. De acordo com ele, jogadores diferentes fazem partidas diferentes com as mesmas cartas na mão, mesmo seguindo uma mesma regra. Logo, para ele, há regras universais na cultura. Ou seja, existem materiais culturais idênticos de uma cultura a outra e que seriam os responsáveis por guiar a vida social. Muniz Sodré (1983) rompe com o binarismo do código do estruturalismo. Para Sodré, existem três linhas de força que atuam sobre a cultura: o poder, a subjetividade e a identidade.

Cultura implica num esvaziamento da unidade individual, no que faz circular os termos polares da troca, no que reintroduz o acaso e o Destino, no ato simbólico que extermina as grandes categorias da coerência ideológica, no que se constitui em morte do sentido e da verdade universais, no que faz aparecerem as singularidades, num ato de delimitação e de atração, em resumo, no movimento do jogo. (SODRÉ, 1983, p.180)

Já a terceira abordagem, desenvolvida por Clifford Geertz e David Schneider, considera a cultura como sistemas simbólicos. Para responder ao paradoxo de por que existem inúmeras variedades culturais se o homem é um ser único, Geertz descarta a ideia iluminista de uma forma ideal de homem. Sua definição de homem é baseada na definição de cultura. Ele define a cultura como um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras e instruções para governar o comportamento. Podemos comparar a cultura a um programa de computador. Partindo deste princípio, Geertz afirma que o homem é um ser geneticamente

apto a receber esse tipo de programa, a cultura. A partir desta constatação, que nos traz uma nova maneira de encarar a unidade humana, ele afirma que um dos mais significativos fatos sobre nós pode ser finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p.4)

De acordo com Lima (2002), a mudança no formato dos meios de comunicação no século XX, mudou a forma como a cultura foi tratada. A comunicação deixava de ser basicamente escrita e literária e passava a ser multilinear, o que ele chama de comunicação verbo-voco-visual. De acordo com ele, a nova forma de comunicação era um teatro sem paredes. Lima correlaciona existência de uma cultura de massa à existência de uma sociedade consumista e ao aparato tecnológico dos meios de comunicação em massa.

No período entreguerras, motivado pela forte propaganda do governo nazista na Alemanha e pela influência dos filmes de Hollywood na propaganda anti-nazista nos EUA, surge a primeira teoria sobre os efeitos dos meios de comunicação de massa e a cultura de massa. De acordo com a Teoria Hipodérmica, a mídia bombardeia o receptor com informações e este, passivamente, age de acordo com a mensagem passada, como se os meios de comunicação de massa introduzissem sua mensagem no receptor através de uma agulha. O exemplo mais claro dessa teoria é o caso da “Guerra dos Mundos”<sup>2</sup>.

No final dos anos 30, surge a Teoria Crítica, apresentando o conceito de Indústria Cultural. Para Horkheimer & Adorno (2002), a autodefinição do rádio e do cinema como indústrias faziam com que estes perdessem sua aura de arte. O resultado da existência de poucos centros de produção para uma distribuição e recepção difusas seria uma apdronização nos produtos, uma criação de clichês para atender às necessidades dos consumidores. A ausência de estilo, ou como Horkheimer e Adorno definem, o estilo da Indústria Cultural é a negação do estilo. Para eles, a indústria cultural surge como a meta do liberalismo, uma vez que a arte era a ideologia e a indústria cultural seria a obediência à hierarquia social. Uma das principais críticas em relação a essa teoria é a subjugação da cultura popular em relação à cultura erudita.

---

<sup>2</sup> Em 30 de outubro de 1938, a rede de rádio norte-americana CBS interrompeu sua programação para anunciar uma invasão alienígena na Terra. Aquele era somente o começo da radionovela “Guerra dos Mundos”, adaptada pelo diretor Orson Welles. Porém, cerca de um milhões de cidadãos norte-americanos acreditou na veracidade da história e saiu às ruas, causando pânico pelos EUA.

Sem dúvida nenhuma, a Escola de Frankfurt, de Adorno e Horkheimer, foi a que mais percebeu antecipadamente o que estava por trás da intervenção da técnica na cultura contemporânea. Mas Adorno e Horkheimer eram muito nostálgicos da cultura elevada. Eu acho que eles não pensaram é que o pensamento crítico depende de um distanciamento entre sujeito e objeto. E é próprio desse biosvirtual uma redução, senão o acabamento, dessa dicotomia própria da metafísica entre sujeito e objeto. [...] Eles eram platônicos, no sentido de que a ideia universal é que é propriamente o ente, enquanto que a matéria, o objeto, não constitui o ser. É uma espécie de não-ser. Ora, as culturas populares estavam dentro dessa teoria crítica do lado do não-ser. Quando, portanto, a matéria passa a ser substancializada, as ideias da cultura popular são também consideradas como não-verdadeiras, como não-sendo. É, portanto, uma teoria crítica aristocrática. Está ligada ao programa metafísico platônico-aristotélico. (SODRÉ, 2001, p.29-30)

Por fim, Laraia (2001) conclui que a discussão sobre o conceito de cultural não terminou e não terminará, pois a “compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana”.

## 2.2 A Questão da Identidade

Segundo Zygmunt Bauman (2005), existem dois tipos de comunidade: as de vida e as de destino. O primeiro tipo corresponde a indivíduos, cujos membros vivem juntos, numa ligação absoluta. A segunda diz respeito àquelas que são fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios. De acordo com ele, são estas que definem a identidade do indivíduo.

A questão da identidade só surge com a exposição a 'comunidades' da segunda categoria - e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a 'comunidade fundida por ideias' a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural. É porque existem tantas dessas ideias e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas 'comunidades de indivíduos que acreditam', que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente compatíveis (BAUMAN, 2005, p.17)

De acordo com Stuart Hall (2005), a humanidade está passando por um processo de crise de identidade. As velhas identidades estão em declínio, surgindo, assim, novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, que até então era visto como um ser unificado. Uma mudança estrutural está transformando as sociedades modernas, o que está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Essas mudanças estão mudando, não somente nossas identidades pessoais, ao contrariar a ideia de que o homem é um sujeito integrado, como também nossa percepção como indivíduos sociais, já que essas paisagens culturais eram a base dessa identificação

como indivíduos sociais. Hall questiona essas mudanças, argumentando que não são apenas os indivíduos que estão sendo transformados, mas sim a própria modernidade.

Hall divide a identidade do sujeito em três diferentes momentos: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. De acordo com ele, ao longo do tempo, fez-se a dissolução do centro do sujeito. O sujeito centrado do Iluminismo deu lugar a um sujeito sociológico interativo que, por sua vez, passou a ser um sujeito descentrado na pós-modernidade.

Podemos afirmar que o sujeito moderno nasceu junto com o Iluminismo. O movimento filosófico do XVIII rompeu com o passado e o pensamento de que as identidades eram fruto de uma ordem divina. O Iluminismo tornou o homem, pela primeira vez, o centro do universo, retirando, assim, qualquer influência de uma intervenção divina da história da humanidade.

Muitos movimentos importantes no pensamento e na cultura ocidentais contribuíram para a emergência dessa nova concepção: a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida (HALL, 2005, p.25-26)

De acordo com Hall (2005), para o Iluminismo a identidade do sujeito surge com o seu nascimento. O indivíduo é visto como um ser totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação. Assim, existiria uma essência imutável, a qual o centro do eu era a identidade do sujeito. René Descartes criou o "sujeito cartesiano". Baseado na dualidade cartesiana e na grande dúvida, surgida com o deslocamento de Deus do centro do universo, Descartes dividiu o homem em duas substâncias distintas: a substância espacial (matéria, ou seja, o corpo) e a substância pensante (mente). É a partir da substância pensante que ele introduz a concepção do homem como um sujeito racional. A partir de sua célebre frase "penso, logo existo", Descartes apresenta o sujeito individual capaz de pensar e raciocinar como o centro da mente. John Locke apresentou o "indivíduo soberano". Para Locke, o indivíduo era caracterizado por uma "mesmidade"<sup>3</sup> de um ser racional. Assim, o indivíduo possuiria uma identidade igual e contínua ao longo de sua vida.

Para Hall (2005), dois eventos mudaram os fundamentos da identidade do indivíduo moderno. O primeiro deles, já vimos quando tratamos de cultura, foi a biologia darwiniana,

---

<sup>3</sup> tradução literal para a palavra em inglês *sameness*, usada por Locke.

que "biologizou" o homem, dando à razão uma base na natureza, fundamentada pelo desenvolvimento físico do cérebro humano. O outro evento chave foi o surgimento das novas ciências sociais, em especial a psicologia e a sociologia. Esta última foi fundamental para o aparecimento do conceito do sujeito sociológico. O indivíduo deixou de ser autônomo e autossuficiente e passou a ser localizado e definido no interior das estruturas sustentadoras da sociedade moderna. A partir de então, começou-se a ver o indivíduo como fruto do contexto no qual ele estaria inserido, assim como também se começou a pensar em como os processos e estruturas sociais são afetados pelos papéis que os indivíduos desempenham. Desta forma, foi introduzida uma concepção interativa da identidade, na qual o sujeito seria formado pela relação entre o interior e o exterior, de modo que outras pessoas importantes para o indivíduo mediavam os valores, sentidos e símbolos dos mundos que ele habita. A internalização do exterior no indivíduo e a externalização do interior no mundo social marcam esta nova fase de análise mais interativa.

Hall (2005), afirma que alguns teóricos, como Erving Goffman e Talcott Parsons, ainda apresentam o pensamento de que o indivíduo se apresenta de diferentes formas em diferentes situações sociais, ou seja, trazem a ideia de que existe um ajuste entre o "eu" e o sistema social. Apesar de haver superado o conceito do indivíduo soberano de Descartes, essa visão ainda apresenta muito estruturado um dualismo cartesiano, estabelecendo uma relação entre duas entidades separadas: indivíduo x sociedade. A identidade costura o sujeito à estrutura. O sujeito projeta a si próprio nas identidades culturais e, ao mesmo tempo, internaliza esses significados e valores, alinhando assim, sentimentos subjetivos com lugares objetivos. O "eu" do sujeito sociológico pode ser representado pela frase de José Ortega y Gasset<sup>4</sup>: "eu sou eu e minhas circunstâncias".

Usando conceitos de Anthony Giddens, Karl Marx e Friederich Engels, Hall (2005) afirma que, já na segunda metade do século XX, a sociedade moderna começa a passar por profundas transformações em sua estrutura. No "Manifesto Comunista", Marx e Engels caracterizam as sociedades modernas por suas constantes e rápidas mudanças, ao afirmar que a modernidade "é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos" (MARX & ENGELS apud HALL, 2005, p.14).

Já Giddens, em "As consequências da modernidade", cita que "à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação

---

<sup>4</sup> Filósofo espanhol, principal expoente do perspectivismo. A frase referida encontra-se no ensaio "*Meditaciones del Quijote*" (1914).

social atingem virtualmente toda a superfície da Terra". A partir daí, Giddens destaca o desalojamento do sistema social, no qual as transformações do tempo e do espaço assumem grande importância, já que extrai relações sociais dos contextos locais de interação as reestrutura em escalas indefinidas de espaço-tempo. Assim, ele afirma que "as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores" (GIDDENS apud HALL, 2005, p.14).

Esse novo modelo de sociedade é denominado, por Bauman (1998) de *pós-modernidade*. De acordo com ele, enquanto a modernidade era caracterizada pela pureza e pela ordem, a sociedade pós-moderna é marcada pela desregulamentação, pela falta de interesse em organizar a desordem do mundo. Logo, como o oposto de ordem, pureza, é justamente o que está fora de lugar, a nova estrutura social seria justamente o oposto da antiga. A mudança tem relação com a forma que os seres humanos são vistos na nova forma de sociedade. A figura do homem é identificada, principalmente, como um ser consumidor, sempre ávido por novas experiências e sensações. Os homens pós-modernos apreciam novas experiências e preferem ser seduzidos pela aventura e ter opções abertas diante de qualquer fixação.

Bauman (1998) afirma que o homem pós-moderno trocou parte de sua segurança por mais felicidade. Assim, ele identificou um mal-estar na sociedade, proveniente da liberdade na procura do prazer, tolerando uma segurança individual pequena. Este novo tipo de estrutura fez com que os indivíduos buscassem um nomadismo social. Os indivíduos se tornaram incapazes de fixar para si uma identidade e um lugar, uma vez que "o eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se, mas evitar que se fixe". Numa sociedade fluida e que condena seus excluídos a guetos, os indivíduos tendem a se identificar com tribos que buscam uma tradição, uma comunidade na qual se encontrem.

Tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'. Em outras palavras, a ideia de ter uma 'identidade' não vai ocorrer às pessoas enquanto o 'pertencimento' continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN 2005, p.17-18)

De acordo com Hall (2005), essas mudanças foram fruto de rupturas nos discursos do conhecimento moderno e causaram o "deslocamento" do sujeito moderno. Esse deslocamento

trouxe uma fragmentação da identidade do indivíduo. Hall coloca cinco avanços nas teorias sociais como pontos chave para essa fragmentação.

O primeiro deles foi a afirmação de Karl Marx que “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas” (HALL, 2005, p.34). Embora os escritos de Karl Marx sejam do século XIX, surgiram novas interpretações dos escritos de Marx no século XX, o denominado estruturalismo marxista. Louis Althusser faz uma nova leitura da frase supracitada, afirmando que os indivíduos não são autores ou agentes da história, pois agem baseados em condições históricas criadas por outros. Desta forma, o marxismo desloca a noção de agência individual, ao colocar as relações sociais no centro do sistema teórico, em detrimento a uma noção abstrata de homem. Marx desloca o conceito de que há uma essência universal de homem e que essa essência é o atributo indivíduo singular.

O segundo ponto que causa esse deslocamento da identidade do homem vem da obra de Sigmund Freud, mais precisamente através da descoberta do inconsciente. Freud rompe com o conceito do homem moderno na medida em que o inconsciente faz com que as identidades sejam formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, em contraponto à lógica da razão e do sujeito racional, provido de identidade fixa e unificada. Em sua obra “Escritos”, Jacques Lacan faz uma leitura do pensamento freudiano, afirmando que a criança aprende o “eu” como algo inteiro e unificado de forma gradual e com certa dificuldade. Sendo assim, a identidade não seria algo inerente à natureza humana, mas uma condição formada ao longo do tempo e através de um processo. Sendo assim, para Lacan seria mais prudente usar o termo “identificação” no lugar de identidade, uma vez que a identidade seria uma unidade em processo, em formação, inacabada. Assim, a identidade surge de fora para dentro, através de uma falta de inteireza, que é preenchida pelas formas que imaginamos sermos vistos pelos outros.

O terceiro ponto que Hall destaca no descentramento do indivíduo está na teoria de Ferdinand Saussure de que o homem não é o autor das afirmações que faz. Sendo a língua um sistema social preexistente a nós, nossa fala produz significados apenas dentro dos signos da cultura. Logo, para Saussure, falar significa não apenas expressar nossos pensamentos, como também ativar a imensa gama de significados embutidos na língua e na cultura. Desta forma, o significado tem base nas relações de similaridade e diferença entre as palavras. Por exemplo, sabe-se o que é a noite porque ela não é o dia. Do mesmo modo, podemos fazer uma analogia com a identidade: eu sei quem eu sou em relação ao outro que não posso ser. As palavras não têm significados fixos. Nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas, carregadas na língua, das quais não temos consciência. Assim, “o significado é

inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado. Ele está constantemente escapulindo de nós".

O quarto ponto está no “poder disciplinar” de Michel Foucault. Em “Vigiar e Punir”, Foucault introduz a ideia de um poder preocupado com a regulação da sociedade. Com isso, a vigilância teria o papel de governo da espécie humana. Foucault cria uma “genealogia do poder”, na qual o poder não emana unicamente do sujeito, mas sim de uma rede de relações de poder que formam o sujeito. Este poder tem como objetivo, manter a vida do indivíduo sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas ciências sociais. Foucault também coloca o corpo do homem como objeto e alvo de poder. Até a época do Iluminismo e das revoluções liberais, as formas de punições existentes ao ser humano eram todas violentas em relação ao corpo, como, por exemplo, torturas e execuções públicas. A partir de então, desenvolveu-se um novo tipo de punição não violenta, ou seja, que não tocasse ou se aproximasse do corpo do criminoso. Esta disciplina sobre os corpos teria por finalidade produzir um ser humano que pudesse ser tratado como um corpo dócil, submisso a determinados sistemas. Em contrapartida, o indivíduo deveria oferecer mão de obra de qualidade, a fim de ajudar o desenvolvimento econômico da sociedade. A vigilância e a observação constantes sujeitam o indivíduo à individualização. Não apenas na observação, mas também no campo da escrita, de forma que é criado um grande aparato documentário. Hall analisa o pensamento de Foucault afirmando que “quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual” (HALL, 2005, p.43).

O quinto ponto abordado por Hall trata-se do feminismo. A política de identidade questionou o conceito de “Humanidade”. Perceba-se que até então, não havia diferenciação de identidade entre homens e mulheres. Aliás, os primeiros conceitos de identidade que vimos tratavam apenas da identidade do homem de gênero masculino, numa época em que a mulher não tinha espaço na sociedade. Com o feminismo, nasceu a questão da diferença sexual e, pela primeira vez, percebeu-se que homens e mulheres não faziam parte de uma mesma identidade. O feminismo surgiu no contexto das lutas sociais dos anos 60. Naquele contexto, cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Feminismo apelava às mulheres, a política social aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros e etc. Este é o momento chave de nascimento da política de identidade, uma vez que a questionou de forma política e social a forma como o ser humano é formado e produzido como sujeito generificado. Com seu slogan “o pessoal é político”, o feminismo questionou, pela primeira

vez, a distinção entre o dentro e o fora e entre o privado e o público. Também foram abertas discussões completamente novas em relação à vida social, como família, trabalho doméstico, divisão do trabalho doméstico e sexualidade, por exemplo. O feminismo trouxe uma nova abordagem: a politização da identidade e do processo de identificação.

Jornalista e escritor, nascido no Líbano, de família cristã e refugiado na França desde 1975, Amin Maalouf (1999) também aborda as diferentes forças sociais que agem sobre a identidade do indivíduo e atenta para a necessidade da formulação de uma nova teoria sobre a identidade.

Na época da globalização, com esse processo acelerado, vertiginoso, amálgamo, de misturas, é necessário - e com urgência! - elaborar uma nova concepção de identidade. Não podemos nos limitar a obrigar milhares de milhões de pessoas a escolher entre afirmar a inflexibilidade de sua identidade ou perdê-la por completo, entre o integrismo e a desintegração (MAALOUF, 1999, p.53-54)

Tendo em vista estes cinco pontos chave de descentramento da identidade do sujeito, Hall analisa, então, a identidade do sujeito pós-moderno. O sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial e permanente. Essa mudança na estrutura está fragmentando o sujeito e transformando-o num sujeito composto de identidades fragmentadas e algumas vezes, contraditórias e não resolvidas. O processo de identificação se tornou mais provisório, variável e problemático. A identidade é definida historicamente e formada e transformada continuamente. O sujeito assume identidades diferentes em momentos distintos. A multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural faz com que sejamos apresentados a uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais podemos nos identificar, mesmo que de forma passageira.

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer 'natural', predeterminada e inegociável, a 'identificação' se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um 'nós' a quem possam pedir acesso (BAUMAN, 2005, p.30)

### **2.3 Identidade Nacional**

A partir da explanação acerca da descentração da identidade do sujeito pós-moderno, Hall (2005) se volta para o estudo da identidade cultural do ser humano, a partir de sua identidade nacional. A identidade nacional é uma das principais formas de identidade cultural. Muitas vezes, ao nos descrevermos, uma das primeiras coisas que dizemos é nossa nacionalidade, se somos brasileiros, argentinos, ingleses e etc. Porém, não nascemos com identidades nacionais. Elas são formadas e transformadas no interior da nossa representação.

A identidade nacional é naturalizada, pois, de acordo com Roger Scruton, a condição de homem exige que ele esteja inserido e identificado com algo mais amplo, que ele seja membro de uma sociedade. De acordo com Bauman (2005), a identidade nacional foi, por muito tempo, uma noção agonística, uma vez que exigia vigilância contínua e emprego de força para que fosse obedecida e tinha como principal função garantir a soberania do Estado. Assim sendo, não foi uma ideia naturalmente gestada e incubada na vida humana. Ela não surgiu como um fato da vida, mas, na verdade, foi forçada a entrar na *Lebenswelt*<sup>5</sup>.

Sua origem está na criação dos estados-nação. Estado e nação dependiam um do outro. Enquanto o Estado buscava a obediência dos indivíduos para garantir o futuro da nação, uma nação sem Estado estaria insegura sobre seu passado. Assim, a nação necessita do poder do Estado para definir, classificar e selecionar o agregado de tradições, dialetos, leis e modos de vida. Dessa forma, temos o Estado como concretização do futuro da nação e, também, como condição necessária para haver uma nação proclamando um destino compartilhado.

Os estados que compunham esse novo sistema eram muito diferentes das "nações" de homens tribais primitivos. Eram muito mais vastos e muito mais amplos, senão múltiplos. Eram mais do gênero de aglomeração de povos de língua e dialetos diferentes e com tradições e instituições divergentes. Na maioria deles, determinado povo, determinada nacionalidade constituía seu cerne ou núcleo, fornecendo a classe governante e a língua oficial, e em todos eles os grupos nacionais de minoria bem como da maioria manifestavam ordinariamente alto grau de lealdade ao monarca comum ou "soberano". Chamavam-se, em contraposição ao antigo e mais extenso Império, "nações" ou "estados nacionais", e a lealdade do povo para com seus soberanos recebia, às vezes, a designação de "nacionalismo". Mas tem-se que ter rigorosamente em mente que não eram "nações" no sentido da tribo primitiva, e que seu "nacionalismo" tinha outros fundamentos que não eram os do nacionalismo dos dias de hoje. As "nações" europeias do século dezesseis assemelhavam-se mais a pequenos impérios que grandes tribos (HAYES *apud* MCLUHAN, 1972, p.270).

Seguindo a linha de *cuius regio, eius natio*<sup>6</sup>, Bauman (2005) afirma que a razão de ser da identidade nacional consistia no poder de exclusão, de traçar, de impor e de policiar uma fronteira entre o "nós" e o "eles". Ele também afirma que a identidade nacional nunca foi igual às outras identidades, uma vez que ela não reconhecia competidores ou opositores. A identidade nacional só permitia ou tolerava outras identidades caso estas não colidissem com os interesses da lealdade nacional. Dessa forma, "ser um indivíduo de um Estado era a única

<sup>5</sup> Termo ligado ao filósofo alemão Edmund Husserl. Em uma tradução literal do alemão, *Lebenswelt* significa "mundo da vida". Porém, no conceito filosófico, a *Lebenswelt* está ligada ao campo da intuição, o terreno da percepção a partir do qual as abstrações da ciência são derivadas. Seria um reino de evidências originárias, para o qual o cientista deveria se voltar para verificar a validade de suas idealizações.

<sup>6</sup> Expressão utilizada por Bauman (2005) e proveniente do latim, cuja tradução literal é: "quem governa decide a nacionalidade".

característica confirmada pelas autoridades nas carteiras de identidade ou nos passaportes” (BAUMAN, 2005, p.28). Uma identidade não certificada era uma fraude e, seu portador era considerado um impostor.

De acordo com Hall (2005), Ernest Gellner afirma que o homem deve ter uma nacionalidade. A ideia de um homem sem nacionalidade impõe uma grande tensão à imaginação moderna. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece agora como tal.

Tal ideia pode ser conferida no filme *O Terminal* (2004), dirigido por Steven Spielberg. O personagem Viktor Navorski, natural do país fictício Krakozhia, viaja aos Estados Unidos para visitar Nova Iorque. Chegando ao aeroporto, Navorski descobre que houve um golpe de Estado em seu país e o mesmo se encontra em guerra. A ONU havia suspenso os direitos dos cidadãos da Krakozhia enquanto Viktor estava no avião e, ao chegar aos Estados Unidos, ele era um cidadão apátrida.

“Seu passaporte e visto não valem mais. No momento, você não é cidadão de lugar nenhum. (...) Não se qualifica como exilado, refugiado, para proteção temporária, para questões humanitárias ou de trabalho. Não se qualifica para nada disso. Neste momento, você é, simplesmente, inaceitável” (O TERMINAL, 2004).

A frase acima, dita pelo personagem, Frank Dixon, chefe de segurança do aeroporto John F. Kennedy, exprime bem a ideia de Gellner, de como um homem sem pátria representa uma tensão à imaginação moderna. Desta forma, por não ter passaporte, por não ter uma nacionalidade, Navorski era considerado um cidadão inaceitável e, portanto, foi impedido de entrar nos Estados Unidos até que a guerra em seu país tivesse um fim e ele fosse, novamente, considerado um cidadão de Krakozhia.

Para Hall (2005), a nação não é apenas uma entidade política, mas sim um sistema de representação cultural. Conhecemos o que é ser inglês devido ao modo como a cultura nacional inglesa é representada. Desta forma, a identidade nacional também apareceria como uma forma de representação. Hall afirma que a cultura nacional é um discurso, ou seja, uma forma de construir sentidos, uma forma que influencia e organiza nossas ações e a concepção que temos de nós mesmos. Hall também cita o conceito de “comunidades imaginadas<sup>7</sup>” de Benedict Anderson, qualificando a identidade nacional como uma dessas comunidades, de forma que as diferenças entre as nações existem nas diferentes formas pelas quais elas são

---

<sup>7</sup> De acordo com Benedict Anderson, “comunidades imaginadas” são todas aquelas comunidades que vão além da aldeia primordial do contato cara a cara. Assim, uma nação é uma comunidade imaginada por prover um sentimento quase religioso que vincula todos aqueles que compartilham um lugar simbólico particular.

imaginadas. Hall (2005) analisa a narrativa da cultura nacional a partir de cinco fatores fundamentais.

O primeiro deles é a narrativa da nação, ou seja, a forma como a própria nação é contada nas histórias, na literatura nacional, na mídia e na cultura popular. Essas histórias trazem uma série de eventos e ritos que representam as experiências partilhadas e que dão o sentido à nação. Assim, como membros desta comunidade imaginada, nos vemos compartilhando desta narrativa. Ela dá significado e importância a nossa vida monótona, conectando vidas a um destino nacional que já existia antes de nosso nascimento e continuará a existir após nossa morte.

O segundo fator citado por Hall foi a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intertemporalidade. A identidade nacional é representada como algo primordial. Assim sendo, seus elementos permanecem imutáveis e estão na verdadeira natureza das coisas. Desta forma, mesmo que algumas vezes não estejam evidentes, estão sempre prontos para serem despertados, como fica evidente neste exemplo utilizado por Hall.

A Sra. Thatcher observou, na época da Guerra das Malvinas, que havia algumas pessoas que pensavam que nós não poderíamos mais fazer as grandes coisas que uma vez havíamos feito... que a Grã-Bretanha não era mais a nação que havia construído um Império e dominado um quarto do mundo... Bem, eles estavam errados... A Grã-Bretanha não mudou (HALL, 2005, p.53-54).

O terceiro fator seria a tradição inventada. Hall (2005) cita Eric Hobsbawm e Terence Ranger que, em “A Invenção das Tradições”, afirmaram que um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, busca inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado.

O mito fundacional apareceria como quarto fator da narrativa da cultura nacional. Para Hall, existe a necessidade de se contar uma história que localiza a origem da nação. Esta história está situada num momento histórico tão antigo que acaba tomando uma natureza mais mítica do que real. Assim, o mito fundacional fornece uma narrativa através da qual uma história alternativa, anterior às rupturas da colonização, pode ser construída.

Em quinto lugar Hall afirma que esta narrativa é construída em cima de um povo ou *folk* puro ou original. Porém, ele observa que, na realidade do desenvolvimento nacional, raramente é este povo que exercita o poder.

Desta forma, o discurso da cultura nacional tem por base tentar encontrar um equilíbrio entre a tentação de retornar a glórias passadas e o avanço em direção à modernidade. Mais à frente, veremos com um bom exemplo disso a cultura da região da

Catalunha, que busca sua independência do estado espanhol, tendo como base a tradição de sua história, de ter sido a principal região da Península Ibérica durante muito tempo, por ser a via de ligação entre os reinos da Espanha e de Portugal com a Europa Continental.

Aproveitando o gancho da menção à Catalunha, devemos observar, assim como Hall (2005), baseado nas ideias de Ernest Renan e Timothy Brennan, argumenta, que as identidades e culturas nacionais não são tão unificadas assim. De acordo com Ernest Renan, há três objetos que constituem o passado espiritual da unidade de uma nação: a memória do passado, o desejo por viver em conjunto e a perpetuação de uma herança.

Timothy Brennan define nação como algo para além do estado-nação. Ele lembra que, dentro do conceito de nação, estão embutidos os pensamentos antigos de comunidade local, domicílio e condição de pertencimento. A identidade nacional, então, seria uma união entre a condição de membro do estado-nação político com a identificação com a cultura nacional. Para isso, a cultura nacional deveria representar todos os membros da sociedade, de todas raças, credos, classes e gêneros.

Porém, é sabido que a maioria das nações é composta por culturas diferentes e que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta. Como afirma Geroge Orwell<sup>8</sup>, “a história é escrita pelos vencedores”. Ou seja, a cada conquista dessas, foi subjugado um povo conquistado, junto de suas culturas, línguas e tradições, para que se pudesse impor uma hegemonia cultural unificada. Ernest Renan afirma que esses começos violentos têm que ser esquecidos para que se possam forjar a lealdade e a cultura nacional unificada.

Assim, Hall (2005) conclui que as culturas nacionais devem ser pensadas como dispositivos discursivos que representam a diferença como unidade ou identidade. As nações modernas são todas híbridas culturais. E, como veremos nos próximos capítulos, essas diferenças culturais vêm ficando cada vez mais evidentes dentro das nações com o deslocamento da identidade do indivíduo na pós-modernidade.

As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para costurar as diferenças numa única identidade" (HALL, 2005, p.65).

## **2.4 O “Glocal”: a tensão entre o global e o local no mundo globalizado**

---

<sup>8</sup> Historiador inglês, autor de livros como “1984” e “A Revolução dos Bichos”. Seu principal objeto de pesquisa foram governos totalitários e elites déspotas.

Desde o século XV, com a expansão do catolicismo e a busca das nações europeias por novas riquezas em novas terras, estamos enfrentando um processo irremediável e irreversível. Um processo que, segundo Bauman (1999) está causando uma “compressão tempo/espaço”. Este processo é o que tem sido denominado de globalização.

De acordo com Hall (2005), Anthony McGrew define a globalização como uma série de processos que atravessam fronteiras e atuam numa escala global. Esses processos transformam o mundo numa experiência mais interconectada, na medida em que integram e conectam as comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo. Como consequência desta série de processos, a ideia sociológica clássica de sociedade está dando lugar a uma nova perspectiva da vida social, na qual as distâncias e escalas estão sendo comprimidas, daí a expressão "compressão tempo-espaço".

Robertson (apud GIULIANOTTI & ROBERTSON, 2006) divide o processo de globalização em cinco fases. O primeiro momento ele chama de fase *inicial*. Tem início no século XV, com a formação das nações, a expansão do catolicismo e as teorias heliocêntricas. Graças às teorias científicas do heliocentrismo, a humanidade teve grandes avanços na astrologia, o que possibilitou a era das grandes navegações e a exploração, por parte dos europeus, de terras até então desconhecidas. Assim, essa fase inicial da globalização colocou a Europa em contato com outros povos e outras culturas.

A segunda fase é chamada de fase de *desenvolvimento* e tem seu período localizado entre meados do século XVIII até aproximadamente 1870. É nesta época que o modelo dos estados-nação se consolida. A partir daí, surgem grandes avanços nas relações internacionais, especialmente com as independências das colônias europeias nas Américas. Isso fez com que países de fora da Europa comesçassem a ter papel internacional. Como já vimos anteriormente, é, também neste período, que surgem os ideais iluministas e as primeiras concepções de humanidade e cidadania. O surgimento de exposições e museus internacionais fazem parte desta fase.

A terceira fase, denominada por Robertson de fase de *expansão*, vai de 1870 a meados dos anos 20 do século XX. Neste momento, são definidos os quatro pontos de referência básicos da globalização: os indivíduos, as sociedades nacionais, o sistema mundial de nações e a humanidade. Nesta fase, a entrada das sociedades não-europeias no cenário mundial fica evidente. A partir deste período, o crescimento das comunicações internacionais passa a atingir escalas exponenciais, com a consolidação do telégrafo e com as primeiras transmissões

de rádio<sup>9</sup>. Durante essa época aparecem as primeiras competições não militares entre os estados-nação, como os Jogos Olímpicos e o Prêmio Nobel. Também é nesse período que surgem as competições esportivas em âmbito nacional.

A quarta fase foi denominada de fase da *luta por hegemonia*. Compreendida entre as décadas de 20 e 60, foi o período de grandes tensões militares no mundo: II Guerra Mundial, Guerra Fria, que trouxe a possibilidade de uma guerra com armas nucleares. Devido a todas essas tensões, fez-se necessária a tentativa de se formalizar um governo mundial, através da criação de organizações capazes de regular e intervir nos países para evitar novas ameaças à humanidade, tais como a ONU<sup>10</sup> e a OTAN<sup>11</sup>.

Por fim, vem a fase na qual vivemos, a fase da *incerteza*. A partir dos anos 60, várias forças começam a deslocar ainda mais a ideia de sociedade e de nação que havia. Surgem novas noções de cidadania mundial e novas ideias sobre diferenças de identidade. O avanço nas telecomunicações é ainda maior, com as televisões por satélite, o advento de uma rede global de informações, a internet, e o avanço das ferramentas da internet desde o surgimento da internet de alta velocidade, através da banda larga. As empresas transnacionais também vêm deslocar as ideias de identidade nacional.

Hall (2005) aponta que uma das principais características desta última fase da globalização é a compressão tempo/espaço. Nos dias atuais, sentimos que o mundo é menor e que suas distâncias foram encurtadas, devido à aceleração dos processos globais. Assim, um evento num dado lugar tem impacto quase que imediato em outros locais mais distantes.

Marshall McLuhan (1996) faz uma analogia parecida com a que já vimos de Alfred Kroeber, em “O Superorgênico”. Para ele, o homem utiliza a natureza como meios de extensões de seu corpo. Mais especificamente, McLuhan fala sobre os meios de comunicação e como o rádio serve como uma extensão da audição, a televisão, da audição e da visão e, o computador, do cérebro. McLuhan (1972), afirma que, depois do aparecimento do telégrafo e do rádio, o mundo sofreu uma contração, tornando-se uma aldeia única. E, com a

---

<sup>9</sup> Em 14 de maio de 1927, Guglielmo Marconi conseguiu estabelecer a primeira transmissão por ondas radiofônicas, entre Inglaterra e França. Disponível em: <<http://www.oieduca.com.br/biblioteca/que-dia-e-hoje/guglielmo-marconi-faz-a-primeira-transmissao-de-radio-da-historia.html?sniveleduca=efaf>>. Acesso em: 18 de maio de 2016.

<sup>10</sup> A Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada em 1945, após a II Guerra Mundial, com o intuito de reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, garantir a igualdade de direito a todos os seres humanos e praticar a tolerância a fim de promover a paz entre os povos. Fonte: <<https://nacoesunidas.org/conheca/>>. Acessado em: 18 de maio de 2016.

<sup>11</sup> A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) foi criada em 1949 para garantir a liberdade e a segurança de seus países membro (da América do Norte e da Europa), através de meios políticos e/ou militares. Disponível em: <<http://www.nato.int/nato-welcome/index.html>>. Acessado em: 18 de maio de 2016.

popularização da televisão e das transmissões via satélite, criou-se o que ele chamou de “aldeia global”.

O que começou como "reação romântica" para a volta à inteireza orgânica pode ou não ter apressado a descoberta das ondas eletromagnéticas. Mas certamente as descobertas eletromagnéticas recriaram o "campo" simultâneo de todos os negócios humanos, de modo que a família humana existe agora sob as condições de uma "aldeia global". Vivemos num único espaço compacto e restrito em que ressoam os tambores da tribo. E isto, em tal grau, que a preocupação pelo "primitivo" é hoje em dia tão banal quanto a do século dezanove pelo "progresso" e igualmente irrelevante para nossos problemas. (MCLUHAN, 1972, p.48-49)

Em suma, essa compressão do tempo e do espaço estaria criando uma teia de interdependência entre todas as regiões do planeta que possibilitou que as pessoas possam se comunicar umas com as outras, independentemente do local onde elas estejam situadas, como se o mundo fosse uma só aldeia.

Hall (2005) aponta três possíveis consequências do processo de globalização para as identidades nacionais: as identidades nacionais estão se desintegrando devido à homogeneização cultural; as identidades nacionais e outras identidades locais estão sendo reforçadas como forma de resistência à globalização; ou as identidades nacionais estão entrando em declínio, dando lugar a um novo tipo de identidade, uma identidade híbrida.

Os processos globalizadores não têm a unidade de efeitos que se supõe comumente. Os usos do tempo e do espaço são acentuadamente diferenciados e diferenciadores. A globalização tanto divide como une; divide enquanto une - e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo (BAUMAN, 1999, p.7).

Essa tensão entre o local e o global causa, às vezes, a ideia de que a globalização está suprimindo as tradições locais. Porém, alguns autores consideram esta suposição errônea, demonstrando que o local ainda tem vez num mundo globalizado. Featherstone (1996) argumenta que existe um erro ao tentar afirmar que a globalização assume uma lógica totalizante e que há um processo em curso a fim de tornar o mundo num espaço mais unificado e homogêneo. De acordo com ele, sob esta perspectiva, deveríamos assumir que as culturas locais seriam deixadas de lado.

A dificuldade de controlar os níveis crescentes de complexidade cultural, junto com as dúvidas e as ansiedades que este isso implica, são precisamente as razões pelas quais o "localismo" - ou o desejo de permanecer em uma localidade claramente delimitada, ou de voltar a alguma noção de "lar" - se converte em um tema importante. Também podemos nos perguntar se isso resulta em ser independente a respeito do fator do lar ser real ou imaginário, se é temporário e concreto ou uma simples simulação, ou se se manifesta a partir de um fascínio pelo sentimento de pertencimento, filiação e comunidade que se atribui aos lugares dos Outros, como por exemplo, os povos tribais. O que parece realmente claro é que não ajuda muito pensar no

"global" e no "local" como categorias dicotômicas ou separadas no tempo; pelo contrário, no momento atual pareceria evidente que a globalização e a localização nos são apresentadas como processos intimamente relacionados (FEATHERSTONE, 1996, p.2-3)<sup>12</sup>.

Neste ponto, voltamos a Robertson, outro teórico que tenta fugir da dicotomia do global *versus* o local. Neste contexto, ele introduz o conceito de cultura *glocal*<sup>13</sup>. Robertson destaca que existe uma interação e uma interdependência entre o global e o local, uma vez que “as culturas locais têm uma capacidade maior para moldar e redefinir o sentido de qualquer fenômeno global, com o objetivo de satisfazer suas necessidades, crenças e costumes particulares” (ROBERTSON & GIULIANOTTI, 2006, p. 10-11)<sup>14</sup>. Desta forma, em vez de se pensar em culturas locais fechadas à globalização e à cultura global, passa a se pensar em culturas que interagem entre si.

Desta forma, como veremos adiante, podemos pensar o futebol não apenas como um produto da globalização, mas também como um dos fatores contribuintes para o processo de globalização.

---

<sup>12</sup> Tradução do autor. Texto original: “La dificultad de manejar niveles crecientes de complejidad cultural, con las dudas y las ansiedades que esto siempre supone, son precisamente las razones por las cuales el “localismo” –o el deseo de permanecer en una localidad claramente delimitada, o de volver a alguna noción de “hogar”– se convierte en un tema importante. También podemos preguntarnos si esto resulta ser independiente respecto de si el hogar es real o imaginario, si es temporario y sincrético o una simple simulación, o si se manifiesta en una fascinación por el sentimiento de pertenencia, afiliación y comunidad que se atribuye a los hogares de los Otros, como por ejemplo los pueblos tribales. Lo que sí parece claro, no obstante, es que no ayuda demasiado pensar en lo “global” y lo “local” como categorías dicotómicas separadas en el tiempo y en el espacio; por el contrario, en el momento actual pareciera evidente que la globalización y la localización se nos presentan como procesos íntimamente relacionados”.

<sup>13</sup> A palavra *glocal* é uma aglutinação entre global e local, numa alusão de que ambas estariam juntas e seriam indissociáveis. O termo foi inspirado na palavra japonesa *dochakuka*, muito usada em termos comerciais para se referir à adaptação de produtos globais, práticas industriais e serviços às tradições e gostos culturais locais.

<sup>14</sup> Tradução do autor. Texto original: “las culturas locales tienen una mayor capacidad para adaptar, moldear y redefinir el sentido de cualquier fenómeno global con objeto de satisfacer sus necesidades, creencias y costumbres particulares”

### 3 FUTEBOL, GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

Segundo Galeano (2015), o futebol se parece com Deus “na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais” (GALEANO, 2015, p.40). Muitos tendem a seguir uma ideia popular de que “o futebol é o ópio do povo”<sup>15</sup>. Porém, deve-se levar em conta que o esporte em geral, e mais precisamente o futebol por ser o esporte mais popular no mundo inteiro, teria a capacidade de funcionar com uma “comunidade imaginada” de Benedict Anderson e de ser um espelho das identidades coletivas. Dessa forma, questões importantes presentes no mundo do futebol, como a violência e a identidade, não podem ser analisadas exclusivamente dentro da esfera esportiva. Deve-se analisá-las de acordo com o contexto social no qual estão inseridas também.

Para refutar a ideia de futebol como ópio do povo, Wisnik (2008) cita a obra “La era del fútbol”, do escritor argentino Juan José Sebreli. De acordo com Wisnik, Sebreli encara o futebol como um sistema o qual “faz da ‘insignificância do seu conteúdo’ a coisa mais importante que acontece a milhões de seres humanos e a ‘única que dá sentido a suas vidas vazias’” (WISNIK, 2008, p.42). Wisnik critica essa visão, comparando o futebol às artes, pois, assim como nas manifestações artísticas, o conteúdo do futebol “está ali como se não estivesse”. Para ele, o futebol faz sentido, pois põe em cena conteúdos conflitivos e catárticos, lidando de maneira não verbal com o núcleo de violência que constitui as sociedades.

[...] “O que fazem vinte e dois marmanjos de calças curtas correndo atrás de uma bola?”: a pergunta clássica é, de fato, uma amostra do quanto o jogo pode ser visto como uma atividade perfeitamente estúpida por quem o olha completamente de fora, como uma dança compulsiva sem música. A ela responderia Sebreli: prestam-se a produzir o esquecimento da exploração coletiva, a fomentar a ganância competitiva e a moldar a personalidade autoritária. Mas a afirmação da consciência crítica, quando supostamente imune aos efeitos do inconsciente, e acima da alienação da massa, tem dificuldade de entender que, mais do que o campo deserto da vida vazia, o futebol é um campo de jogo em que se confronta o vazio da vida, isto é, a necessidade premente de procurar-lhe sentido. (WISNIK, 2008, p.45)

Bourdieu (2003) analisa o esporte como uma das instituições em jogo na luta de classes na sociedade capitalista. Ele analisa o papel social do esporte a partir das relações de força entre classes historicamente construídas em luta umas com as outras. Bourdieu faz duas distinções de classes, uma em relação ao volume de capital (opondo as classes sociais apenas pelas suas concentrações de capital) e outra em relação à estrutura do capital (opondo o

---

<sup>15</sup> Dito popular que faz uma paráfrase da célebre frase de Karl Marx em *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*: “a religião é o ópio do povo”. A expressão é usada com a intenção de dizer que o futebol não tem importância social e serve para alienar a população de questões que seriam mais importantes.

capital econômico ao cultural). Assim, ele faz uma série de distinções de estilos de prática do esporte, que culmina na oposição entre o anti-intelectualismo da vitória na virilidade e na coragem, virtudes dos chefes militares e das fábricas, à vitória no saber e na erudição, virtudes das frações acadêmicas e culturais da sociedade. Por fim, Bourdieu justifica a popularidade que os esportes viris tomaram ao longo do tempo, baseado nesse contexto da luta entre classes.

A exaltação do esporte, escola de caráter, etc., encerra uma nuance de anti-intelectualismo. Basta ter em mente que as frações dominantes da classe dominante tendem sempre a pensar sua oposição às frações dominadas – "intelectuais", "artistas", "senhores professores" – através da oposição entre masculino e feminino, o viril e o afeminado, que assume conteúdos diferentes segundo as épocas (por exemplo, atualmente cabelos curtos/cabelos longos, cultura científica ou "econômico-política"/cultura artísticoliterária, etc.), para compreender uma das implicações mais importantes da exaltação do esporte e em particular dos esportes "viris", como o rugby, e para ver que o esporte, como toda prática, é um objeto de lutas entre frações da classe dominante e também entre as classes sociais. (BOURDIEU, 2003, p. 188-189)

Pier Paolo Pasolini (1971) definiu o futebol como uma forma de linguagem própria, com estrutura semelhante à língua oral e escrita. Se na língua oral e escrita a unidade mínima é o fonema, Pasolini definiu o *podema*<sup>16</sup> como a unidade mínima da linguagem futebolística. Na definição de Pasolini, o *podema* seria “um homem que usa os pés para chutar uma bola” (PASOLINI, 1971)<sup>17</sup>. Ou seja, na prática, um *podema* equivale a um jogador de futebol. A palavra futebolística seria a combinação entre dois desses *podemas* e a sintaxe das palavras estaria exprimida na partida, a qual Pasolini definiu como um discurso dramático por si só. Em um dado momento, Pasolini divide os estilos de jogo como estilos literários: há as equipes que jogam um futebol prosa e há aquelas que jogam um futebol poesia.

Note bem que não faço distinção de valor entre a prosa e a poesia; a minha distinção é puramente técnica. Todavia, devemos entender: a literatura italiana, especialmente a dos últimos tempos, é a literatura dos *Elzeviri*<sup>18</sup>: elegante e estetizante ao extremo: seu contexto é quase sempre conservador e um pouco provincial... resumindo, democrata. Dentre todas as línguas que são faladas em um país, incluindo as gírias e as palavras rebuscadas, há um terreno comum: a cultura desse país, sua atualidade histórica. Assim, por razões culturais e históricas, o futebol de um certo povo é fundamentalmente em prosa: prosa realista ou estetizante (este último, o caso da Itália),

<sup>16</sup> A palavra *podema* é um neologismo de Pasolini. É uma alusão ao termo fonema, porém trocando o radical *fone*, que indica voz/som, pelo radical *podos*, que indica pé.

<sup>17</sup> Tradução do autor. Texto original: “Un uomo che usa i piedi per calciare un pallone”.

<sup>18</sup> Plural de Elzeviro, o qual era uma tipografia romana, caracterizada pela sua elegância. O Elzeviro teve contribuição decisiva para a difusão do gosto pela arte da prosa. Era a fonte com a qual os livros de poesia geralmente eram impressos e se tornou o símbolo dos artigos sobre cultura nos jornais italianos no século XX.

enquanto o futebol de outro povo é fundamentalmente poético. (PASOLINI, 1971)<sup>19</sup>

Essa classificação de Pasolini sobre o estilo futebolístico de certos locais entre *futebol prosa* e *futebol poesia*, de acordo com a cultura local se assemelha à ideia de Saussure, vista no capítulo anterior, sobre a linguagem. Desta forma, ao analisarmos o futebol como uma linguagem sob o prisma de Saussure, o jogo não seria somente a expressão do futebol daquela região, mas também poderia ser considerado como uma extensão daquela sociedade, já que a língua do futebol incluiria, além de seus aspectos, os aspectos culturais daquele local.

Esse é o pensamento apresentado por Giglio & Silva (2014). Essa linguagem do futebol seria capaz de traduzir para o campo de jogo, através dos estilos nacionais de jogo e dos estereótipos criados, como o carrossel holandês ou o *tic-tac* espanhol, a condensação e a representação de especificidades culturais, que ajudam a compreender as sociedades contemporâneas. Já Wisnik (2008), avalia a comparação dos estilos nacionais de jogo às tradições culturais de um povo como uma questão de interpretação.

O "inspirado ataque integral dos holandeses", que se formou graças à coalizão de gênios do técnico Rinus Michels com Johan Cruyff e sua geração, não encontrariam correspondência numa cultura secularmente comercial e burguesa. Curiosamente, sobre esse mesmo ponto, diz um outro autor - David Winnier, em *Brilliant orange: the neurotic genius of dutch football* - que os holandeses jogam futebol exatamente como guerreavam: nos Países Baixos, onde a terra é "construída" a partir do bombeamento de água do mar, o território se distingue por ser estruturado em diques e canais, inundando certas áreas e diminuindo o espaço em pontos estratégicos. Cruyff e a "Laranja Mecânica" de Rinus Michels dividiam o campo em passes diagonais e formas geométricas, com a linha de defesa avançando e diminuindo os espaços como uma enchente, em "claro paralelo" com os sistemas sociais, político e geográficos da Holanda. A ideia, vera ou bem trovada, nos devolve, assim, ao fato de que a interpretabilidade ou não dos estilos nacionais é uma fascinante *questão de interpretação*. (WISNIK, 2008, p.26-27)

Na medida em que se cria no imaginário coletivo uma ideia de que cada país ou região constrói sua linguagem futebolística e seu estilo de jogo através de sua herança cultural, podemos afirmar que o futebol é um dos elementos que ajudam na construção de identidades nacionais. Conforme afirmou Galeano (2015), "futebol e pátria estão sempre unidos"

---

<sup>19</sup> Tradução do autor. Texto original: "Si noti bene che tra la prosa e la poesia non faccio distinzione di valore; la mia è una distinzione puramente tecnica. Tuttavia intendiamoci: la letteratura italiana, specie recente, è la letteratura degli "elzeviri": essi sono eleganti e al limite estetizzanti: il loro fondo è quasi sempre conservatore e un po' provinciale... insomma, democristiano. Fra tutti i linguaggi che si parlano in un Paese, anche i più gergali e ostici, c'è un terreno comune: che è la "cultura" di quel Paese: la sua attualità storica. Così, proprio per ragioni di cultura e di storia, il calcio di alcuni popoli è fondamentalmente in prosa: prosa realistica o prosa estetizzante (quest'ultimo è il caso dell'Italia): mentre il calcio di altri popoli è fondamentalmente in poesia."

(GALEANO, 2015, p.42). Desta mesma forma, Hobsbawm (2007) afirma que o futebol, desde que se consolidou como esporte de massa tem sido forma de dois tipos de identificação: a local, dos torcedores com seus clubes, e a nacional, dos cidadãos de um país com sua seleção nacional. Porém, como vimos anteriormente, com o processo de globalização e a consequente compressão tempo-espço, as identidades nacionais estão entrando em crise. Desta forma, Hobsbawm analisa que essas duas formas de identificação, que antes eram complementares, “criaram uma crescente incompatibilidade entre os interesses empresariais, políticos e econômicos, nacionais e globalizados, e o sentimento popular” (HOBSBAWM, 2007, p.93).

Tomando-se por base a “Lei Bosman”<sup>20</sup>, pode-se dizer que o futebol foi, de fato, o único lugar em que a livre circulação de mão-de-obra proposta na concepção da União Europeia, realmente se concretizou<sup>21</sup>. Portanto, analisando do ponto de vista de Robertson, o futebol não apenas é transformado pelo processo de globalização, como também o transforma. Assim, Giulianotti & Robertson (2006) fazem um quadro análogo àquele apresentado no capítulo anterior sobre as fases da globalização, inserindo-as no contexto do futebol.

A era *inicial* da globalização do futebol se dá naquilo que eles chamam de pré-história do futebol. O futebol já era jogado nas cidades e povoados britânicos, desde a Idade Média, até o século XIX. Com regras diferentes entre as várias formas de jogo à época, o que mais se assemelha ao futebol atual era o praticado pelas camadas populares da Inglaterra e da Escócia. Ao fim do século XIX, a população rural da Inglaterra diminuiu, mas o futebol continuou presente na classe trabalhadora urbana.

A era de *desenvolvimento* se deu até a década de 1870. Nesse período, começaram a se formar os primeiros clubes de futebol<sup>22</sup> e também houve a criação da Federação Inglesa de Futebol (FA), em 1863. Na linguagem de Weber, a regulamentação do futebol proporcionou o marco legal básico para sua difusão entre as culturas de todo o mundo. A influência da Grã-

---

<sup>20</sup> A “Lei Bosman” foi a consequência da briga judicial do jogador belga Jean-Marc Bosman para se desvincular do seu clube. Dentre as implicações dessa lei, ficou estabelecido que os contratos trabalhistas dos jogadores de futebol seriam regidos pelas leis trabalhistas da União Europeia (EU). Assim, garantiu-se também aos atletas de futebol com nacionalidade de países integrantes da EU a liberdade de trabalho em qualquer país integrante. Assim, o limite de estrangeiros por clube não recai mais sobre a nacionalidade do jogador, mas sim sobre a “nacionalidade europeia”.

<sup>21</sup> Com a escolha do Reino Unido, em referendo realizado no dia 23/06/2016, de sair da União Europeia, o cenário muda um pouco, já que a Lei Bosman não valerá para os campeonatos britânicos nem para os jogadores do Reino Unido. Atualmente, o futebol britânico tem regras muito rígidas para estrangeiros, que precisam ter atuado em 75% das partidas de sua seleção nacional para poder atuar no Reino Unido. Se for confirmada a saída do bloco econômico, apenas 51 dos 161 jogadores europeus que atuam na Premier League teriam o visto de trabalho concedido.

<sup>22</sup> Fundado em 1857, o Sheffield Football Club é o clube de futebol mais antigo do mundo <<http://www.sheffieldfc.com/club>>. Acessado em 15/06/2016.

Bretanha no processo favoreceu as principais condições econômicas, sociais, políticas e culturais para que essa difusão fosse possível. E, com essa difusão, foi possível a formação de uma sociedade internacional do futebol. No ano de 1872, aconteceu o confronto entre duas seleções: a da Inglaterra e a da Escócia.

A fase da *expansão* vai do fim da década de 1870 até a década de 1920. Nessa fase, a difusão do futebol foi concretizada, graças aos meios de comunicação, aos fluxos de intercâmbio e à imigração. A sociedade mundial também foi concretizada, com o surgimento da FIFA, em 1904, e a inclusão do esporte nos Jogos Olímpicos, em 1908. Nesse período, os pontos de referência básicos da globalização definiram o caráter mundial do futebol. O futebol também começou a fazer parte dos estados-nação, já que os clubes deveriam registrar seus jogadores, ter bandeiras, hinos, cores etc. Assim, as identidades nacionais começaram a ser reproduzidas em campo e os jogadores começaram a assumir a representação de heróis nacionais.

O futebol produzia heróis masculinos locais, cujo jogo individual estava sujeito a dois requisitos coletivos indispensáveis: primeiro, os estilos de jogo variavam, de uma preferência por exibições aristocráticas de habilidades pessoais, até uma ênfase na eficiência do trabalho em equipe, que demonstrava maior êxito em vencer partidas. Em segundo lugar, as diferentes ‘tradições inventadas’, dentro do futebol começaram a se firmar; por exemplo, associavam-se certas habilidades técnicas específicas e estilos de jogo a certos clubes ou a nacionalidades. A imprensa nacional veiculava notícias e análises futebolísticas por todo o país, de forma que estendiam a diferença entre identidades culturais através de suas informações sobre os acontecimentos esportivos. (GIULIANOTTI & ROBERTSON, 2006, p.14)<sup>23</sup>.

Outra das características da fase de expansão foi a resistência ao profissionalismo. As leis do amadorismo transformavam o futebol em um esporte elitista, pois o não pagamento de salários aos jogadores dificultava o ingresso das classes mais baixas aos clubes e, conseqüentemente, às seleções. Desta forma, um dos principais fatores da fase da *luta pela hegemonia*, compreendida entre a década de 1920 e o final da década de 1960, foi a profissionalização, e a conseqüente popularização do esporte. As regras e os estilos de jogo foram modificados para possibilitar que saíssem mais gols durante a partida e o esporte se

---

<sup>23</sup> Tradução do autor. Trecho original: “El fútbol producía héroes masculinos locales cuyo juego individualista estaba sujeto a dos requisitos colectivos indispensables: primero, los estilos de juego variaron de una preferencia por las exhibiciones aristocráticas de habilidades personales hacia un énfasis en la eficacia del trabajo en equipo, que demostraba un mayor éxito a la hora de ganar partidos. En segundo lugar, las diferentes tradiciones inventadas dentro del fútbol empezaron a asentarse; por ejemplo, se fueron asociando ciertas habilidades técnicas específicas y estilos de juego en equipo a clubes particulares o a nacionalidades. La prensa nacional hacía circular noticias y análisis futbolísticos por todo el país, a la vez que extendían la diferencia entre identidades culturales a través de informes sesgados de los acontecimientos deportivos”.

tornasse mais atrativo ao público. Como afirma Giulianotti & Robertson (2006), e como veremos mais adiante no estudo de caso deste trabalho, “a influência da política nacional ou regional também ficava evidenciada nos clubes de futebol, sobretudo na rivalidade espanhola entre o FC Barcelona (um dos maiores símbolos da Catalunha) e o Real Madrid (vinculado ao Franquismo)” (GIULIANOTTI & ROBERTSON, 2006, p.15)<sup>24</sup>.

Os ideais nacionais e discursos nacionalistas, bastante exacerbados nos primeiros anos desta fase com o avanço do nazi-fascismo pela Europa, também estiveram muito presentes em campo. Grandes exemplos foram as partidas entre Argentina e Uruguai pelos Jogos Olímpicos em 1928 e a final da Copa do Mundo de 1930. A seleção italiana sob o governo de Mussolini<sup>25</sup> e a Batalha de Highbury<sup>26</sup> também são grandes exemplos de como o futebol reproduzia constantemente os discursos nacionalistas de fora dos campos. A Copa do Mundo, inclusive, se torna o principal componente para a internacionalização do futebol, junto com as competições continentais entre clubes, destacando-se a Copa da Europa e a Copa Libertadores da América. Ainda neste período, consolida-se uma estrutura piramidal na administração do futebol, com a FIFA no topo, as associações continentais embaixo, seguida das federações nacionais. Abaixo das federações vêm os clubes e na base da pirâmide, estão os torcedores. A propagação do futebol ganha grande força com o surgimento da televisão e das transmissões ao vivo<sup>27</sup>, o que fez com que jogadores, clube e seleções tivessem maior visibilidade. Assim, começaram-se a criar valores próprios dentro do futebol, como por exemplo a identificação do Brasil e do Real Madrid com o jogo bonito.

A partir dos anos 70 aos dias atuais, se dá a fase de *incerteza* do futebol. Nessa fase, Giulianotti & Robertson (2006) marcam quatro pontos de referência básicos que ditam a instabilidade nas relações internacionais e que têm grande interconectividade, porém uma

---

<sup>24</sup> Tradução do autor. Texto original: “La influencia de la política nacional o regional también quedaba evidenciada en los clubes de fútbol, sobre todo en la rivalidad española entre el FC Barcelona (un símbolo más de Cataluña) y el Real Madrid (vinculado al franquismo)”.

<sup>25</sup> O ditador italiano Benito Mussolini fez da seleção italiana uma das principais propagandas de seu governo fascista. Na final da Copa do Mundo de 1934, os jogadores italianos fizeram a saudação fascista após a conquista do primeiro título. Já no Mundial de 38, a *Azzurra* jogou com um uniforme preto contra a França, em alusão ao exército fascista italiano, chamado de “Camisas Negras”.

<sup>26</sup> Em 1938, a Inglaterra não disputou a Copa do Mundo, pois divergia da FIFA em relação à lei de amadorismo. Considerada a melhor seleção do mundo naquela época, a seleção inglesa disputou um amistoso em Highbury contra os italianos, recém campeões mundiais. Aquele confronto tinha ares de uma nova decisão de Copa do Mundo e ficou marcado como a “Batalha de Highbury” devido à violência dentro de campo. O italiano Luis Monti sofreu uma entrada dura logo aos dois minutos de jogo e se lesionou, deixando a Itália com um a menos o jogo inteiro, já que naquela época ainda não se podia fazer substituição durante a partida. < <http://doentesporfutebol.com.br/2014/02/historias-das-copas-07-a-batalha-de-highbury/>>. Acessado em 16/06/2016

<sup>27</sup> A maioria dos países europeus teve transmissões ao vivo da final da Copa do Mundo de 1954 (GIULIANOTTI & ROBERTSON, 2006, p.16).

grande complexidade de conflitos de interesse entre si. O primeiro ponto é o das individualidades. Os grandes jogadores ganharam *status* de *popstars* e se transformaram em grandes artistas midiáticos, assim como técnicos, dirigentes e os agentes dos jogadores. Os atletas passaram a estar no controle da mídia e começaram a ser tratados como celebridades. O caso mais emblemático é o do inglês David Beckham, famoso por sua beleza e que se casou com outra figura midiática, Victoria, uma das integrantes do grupo Spice Girls.

A morte da princesa Diana tinha deixado órfã uma grande parcela do público britânico. Beckham, filho de um gasista, ocupou o papel. Era o indivíduo a quem foi atribuído o papel de alimentar a fome popular pelo drama alheio. Os tabloides, grandes juizes do gosto da nação, ungiram ‘Posh e Becks’ como o casal real de novela predileto, escalando-os como substitutos de Diana e Charles. Se Beckham era visto conversando em público com outra mulher, se ele e Victoria saíam de um restaurante parecendo que tinha tido uma briga, se o bebê Brooklyn vomitava no vestido da mãe, se Beckham comprasse um novo terno da moda, ou um novo carro, ou mesmo uma mala de couro, o acontecimento seria registrado pelos fotógrafos dos tabloides, descrito em matérias de tirar o fôlego. Não que Beckham merecesse grande compaixão por suportar tais indignidades. Em grande parte, como Diana, ele e sua noiva desde o início pareceram amar essas invasões da imprensa pelo menos tanto quanto eventualmente alegaram não gostar delas. Nem pareceram em momento algum ter pressa em fugir da bolha da fama. (CARLIN, 2006, p.59)

O segundo ponto de vista é a partir dos estados-nação, apesar de os mesmos continuarem sendo a unidade política principal do futebol, a unificação cultural passou a ficar cada vez mais complicada. Como vimos anteriormente, a identidade nacional está entrando em colapso no mundo pós-moderno, assim como estão entrando em colapso as identidades nacionais dos clubes. Como citado sobre a *Lei Bosman*, os clubes, especialmente os europeus, passaram a se encher de jogadores estrangeiros, de forma que, na final da Liga dos Campeões da UEFA de 2010<sup>28</sup>, a Inter de Milão foi campeã sem nenhum jogador italiano como titular e, dos 14 atletas que atuaram naquela noite pelos milaneses, apenas um tinha nascido no país, o zagueiro Marco Materazzi, que ainda assim, entrou nos acréscimos do segundo tempo.

Como vimos anteriormente também, as identidades nacionais estão dando lugar a identidades regionais e essa lógica também está sendo levada para o futebol. De acordo com Giulianotti & Robertson (2006), “Em alguns países, particularmente na Espanha, o futebol contribuiu para uma nova forma de expressão de fortes sentimentos de identidade regional, baseados em algumas diferenças em relação aos aspectos dominantes da identidade nacional”

---

<sup>28</sup> Disponível em:

<http://www.uefa.com/uefachampionsleague/season=2010/matches/round=2000032/match=2000488/index.html>. Acessado em 16/06/2016.

(GIULIANOTTI & ROBERTSON, 2006, p.17)<sup>29</sup>. Essa falta de identidade atinge as seleções também. As sul-americanas porque têm seus principais jogadores atuando fora do país e as europeias porque enfrentam a competição com os próprios clubes, que ganharam dimensões mundiais e dão prioridade a competições internacionais, jogando contra clubes de outros países, como a Liga dos Campeões da UEFA.

O segundo efeito está em que a lógica transnacional da empresa de negócios entrou em conflito com o futebol como expressão da identidade nacional, tanto pela tendência a favorecer torneios internacionais de superclubes, em detrimento dos torneios tradicionais das copas e dos campeonatos nacionais, quanto porque os interesses dos superclubes competem com os das seleções nacionais, que são portadoras de toda a carga política e emocional da identidade nacional e que têm de ser formadas por jogadores que tenham o passaporte do país. Ao contrário dos superclubes, que, na verdade, podem por vezes ser mais fortes do que as próprias seleções dos seus países, estas não são permanentes. Hoje eles tendem a ser conjuntos de jogadores, muitos dos quais – a maioria, em casos extremos como o do Brasil – jogam em clubes estrangeiros, que perdem dinheiro a cada dia em que eles se ausentam, durante os períodos mínimos necessários para que treinem e joguem com suas seleções. Do ponto de vista dos superclubes e dos superjogadores, o clube tende a ser mais importante do que o país. (HOBSBAWM, 2007, p. 94)

O terceiro ponto de vista da fase de incerteza do futebol é o da humanidade. As entidades do esporte estão investindo em atitudes que valorizem o *Fair Play*, isto é, o jogo limpo, em campanhas anti-racismo, anti-discriminação, e em projetos de desenvolvimento do futebol feminino e de integração. Porém, devido à crise de identidade, temos visto as questões étnicas muito presentes no futebol, em especial o europeu. Um dos principais focos de atitudes racistas é a França, país com uma composição social bastante complexa, pois une imigrantes de todas as colônias francesas, juntando povos discriminados, como os árabes do norte da África e os negros. Durante a Copa de 2006, o político de extrema-direita Jean-Marie Le Pen chegou a declarar que a seleção francesa não representava o povo francês porque o técnico “talvez tenha exagerado na proporção de jogadores de cor”<sup>30</sup>. Essa proposta de integração do futebol começou a ser posta em prática por João Havelange, que presidiu a FIFA de 1974 a 1998. Excluindo-se os motivos políticos, Havelange e seu sucessor, Joseph Blatter, foram os responsáveis por levar a Copa do Mundo aos continentes asiático e africano pela primeira na história, em 2002, no Japão e na Coreia do Sul, e em 2010, na África do Sul.

<sup>29</sup> Tradução do autor. Texto original: “Inglaterra. En algunos países, particularmente en España, el fútbol ha contribuido a una nueva forma de expresar fuertes sentimientos de identidad regional basados en algunas diferencias con los aspectos dominantes de la identidad nacional”

<sup>30</sup> “Le Pen questiona formação étnica da seleção francesa”. Disponível em <<http://copa.esporte.uol.com.br/copa/2006/ultnot/franca/2006/06/29/ult1777u48718.jhtm>>. Acessado em 16/06/2016.

O quarto ponto destacado por Giulianotti & Robertson foi o Sistema Internacional do futebol. O sistema está cada vez mais fluido, devido à grande quantidade de atores envolvidos na política, como as instituições do governo, empresas de meios de comunicação, empresas comerciais, sindicatos de atletas (FIFPRO), agentes de jogadores, federações nacionais e continentais e os clubes. Por exemplo, o grupo dos 18 clubes europeus mais ricos do mundo, o G-14, tem interesses completamente distintos dos clubes menores. O mandato de João Havelange na FIFA é considerado um divisor de águas, pois a partir dali o futebol passou a ser tratado como um grande negócio.

Sobre esse modelo de globalização do futebol, Giulianotti & Robertson (2006) fazem três observações. Em primeiro lugar, o modelo mostra uma correspondência história entre o particular e o geral, ou seja, entre a história do futebol e o processo de globalização. Ademais, o modelo revela a evolução gradual e irregular da globalização do futebol, desde os tempos de que era apenas um jogo local até sua consolidação como um esporte único e mundial.

Em segundo lugar, o modelo oferece um ponto de partida analítico e empírico, que permite fazer considerações sobre como o futebol pode ser capaz de fazer emergirem identidades e sentimentos culturais. Além disso, demonstra que o futebol foi uma das primeiras formas culturais a sofrer uma difusão mundial e sua recepção e sua interpretação se deram de diferentes formas por parte das distintas culturas locais. Sua difusão, também permitiu que cidades, regiões e países acentuassem suas diferentes identidades e se distinguíssem através do esporte. A terceira observação mostra como a política do futebol adquiriu um caráter global e como um grande e variado número de atores institucionais vem se comprometendo a tentar determinar o futuro do futebol, política e economicamente, diante das diferentes visões e interesses.

Este modelo, junto com as três observações nos permitem analisar o futebol sob a ótica de Robertson (2006). Para ele, a interdependência entre o global e o local constitui a forma fundamental da vida global, de modo que só podemos entender um fenômeno cultural através de sua relação com os fenômenos globais. Essa interdependência nos leva a duas noções chave.

A primeira delas, Robertson chama de “particularização do universal”. De acordo com essa noção, o mundo está ordenado sob princípios, marcos, padrões e estruturas. Assim como as sociedades modernas têm calendários, domínios de internet e etc., o mundo do futebol também obedece a padrões. Por exemplo, as federações nacionais fazem parte de uma hierarquia política, junto com os organismos continentais e mundiais. A segunda noção é a de “universalidade do particular”, de acordo com a qual, todas as comunidades e atos particulares

têm uma identidade diferenciada. Trazendo para o futebol, a base da construção das identidades modernas seriam os torneios internacionais, como as Copas do Mundo, local onde diferentes grupos de torcedores se misturam entre si, com formas particulares de comportamento, roupas, canções e etc.

Giulianotti & Robertson (2006) afirmam que estamos vivendo um momento em que o mundo especula o fim das culturas locais e particulares, que estariam sendo substituídas por uma cultura global. Essa inquietude descabelada, como eles definem, trouxe, a partir dos anos 60, uma cultura retrô, diferente das outras culturas nostálgicas. Uma cultura mais irônica, consumista e pós-moderna. No futebol, essa cultura retrô fica evidente na exaltação a heróis do passado, como constantemente vemos clubes lançando camisas inspiradas em modelos históricos, em produtos com a imagem de grandes ídolos ou até mesmo nas canções e bandeiras da torcida lembrando equipes e ex-jogadores vitoriosos.

De acordo com Giulianotti & Robertson (2006), “os projetos da glocalização se converteram nas características significativas da globalização contemporânea” (GIULIANOTTI & ROBERTSON, 2006, p. 21)<sup>31</sup>. Um dos principais exemplos disso está em como os diferentes países adaptam suas transmissões de grandes eventos mundiais esportivos, como Copas do Mundo e Jogos Olímpicos. Por exemplo, no Brasil, a Rede Globo, durante os jogos da seleção brasileira, observando algumas características culturais locais, faz *links* ao vivo em diversos locais do país para mostrar o clima do torcedor nas ruas, com a presença de elementos próprios da cultura brasileira, como o grupo Olodum, por exemplo. Isso não é algo novo, porém um processo que se intensificou com a aparição da televisão e das transmissões ao vivo via satélite.

Como já vimos, desde a década de 60, o aumento da compressão tempo-espço acelerou a circulação mundial de capital, bens, informação e trabalhos relacionados ao futebol. Apesar de se falar em um padrão FIFA, observam-se fortes variações nas formas como as diferentes culturas lidam com a glocalização do futebol. Podemos observar que os Estados Unidos e grande parte da Ásia não têm o futebol como o esporte preferido de sua população. Já na América Latina e na Europa, o futebol foi aceito mediante a adaptação a valores, gostos e formatos de suas culturas locais.

Com isso, foram criados alguns processos de construção de identidades glocais diferentes. Para se diferenciar, algumas torcidas exageraram seus rituais, como na forma de se vestir, nas músicas, nas bandeiras e no comportamento, tanto na arquibancada quanto fora

---

<sup>31</sup> Tradução do autor. Texto original: “los proyectos de glocalización se han convertido en las características significativas de la globalización contemporánea”.

dela. Esse foi o critério adotado por muitas das torcidas da América do Sul, em especial as argentinas, uruguaias e brasileiras.

Porém, ultimamente, estamos vendo uma tentativa de se muda a forma com que os sul-americanos torcem. De acordo com Pereira (2014), a transformação dos estádios brasileiros em arenas modernas para a realização da Copa do Mundo de 2014 fez com que as canchas brasileiras perdessem aura e essência, criando uma atmosfera fria, como nos estádios europeus. Fazendo uma análise do “Código de Conduta no Estádio”<sup>32</sup>, que dentre outras medidas tinha a proibição do torcedor assistir à partida em pé, ficar sem camisa, xingar e portar bandeiras maiores que o permitido pela FIFA, Pereira considera que essas imposições podem descaracterizar a forma de torcer no Brasil.

Como este processo não é limitado ao futebol brasileiro e, em outras partes a globalização do futebol também tem afetado alguns dos torcedores mais fiéis, como por exemplo com o aumento do preço dos ingressos em muitas ligas nacionais, a sociedade futebolística criou uma *contracultura*<sup>33</sup> a esse novo padrão, batizada de “ódio eterno ao futebol moderno”<sup>34</sup>. No Brasil, é possível ver essa contracultura muito presente na internet, especialmente em páginas de redes sociais, como a Cenas Lamentáveis<sup>35</sup> e o site R.I.P. Futebol Clube<sup>36</sup>, que fazem constantes referências aos valores futebolísticos das décadas de 80 e 90.

Outro caso de influência da glocalização no futebol é de paixões que acabam transcendendo a nacionalidade. Como por exemplo, na Copa do Mundo de 2006, quando torcedores do clube escocês Celtic se organizaram para torcer a favor da seleção da Suécia, porque o clube havia contratado três jogadores suecos que estavam presentes naquela equipe que disputou o mundial. Além disso, o fato de os clubes integrarem jogadores de várias nacionalidades em seu elenco fez com que os clubes despertassem o interesse de torcedores de vários outros países e se tornassem verdadeiras instituições transnacionais.

---

<sup>32</sup> O “Código de Conduta no Estádio” foi a cartilha da FIFA que ditou as regras que o torcedor deveria seguir dentro do estádio em uma partida de Copa do Mundo. Disponível em: <[http://resources.fifa.com/mm/document/tournament/ticketing/02/34/42/69/fwc2014\\_ticket\\_guide\\_master\\_por\\_v6\\_portuguese.pdf](http://resources.fifa.com/mm/document/tournament/ticketing/02/34/42/69/fwc2014_ticket_guide_master_por_v6_portuguese.pdf)>. Acessado em 17/06/2016.

<sup>33</sup> Coelho (2004) explica que essa o termo contracultura tem origem nos movimentos dos anos 60, principalmente hippies, yuppies e os movimentos estudantis, que representavam uma nova expressão da civilização moderna frente aos avanços tecnológicos e econômicos da sociedade capitalista ocidental

<sup>34</sup> “Torcida do Juventus prega ‘ódio eterno ao futebol moderno’”. Disponível em <<http://esportes.terra.com.br/futebol/torcida-do-juventus-prega-odio-eterno-ao-futebol-moderno,f10832f7d50aa310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>>. Acessado em 17/06/2016.

<sup>35</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/CenasLamentaveis/>>. Acessado em 17/06/2016.

<sup>36</sup> Disponível em <<https://ripfutebolclube.com>>. Acessado em 17/06/2016.

Ao ultrapassarem as fronteiras nacionais, as empresas transnacionais, geralmente, têm menos relação com seu lugar do que as formas empresariais locais. A maioria das transnacionais está atrelada a um país de origem, não por questões de identificação, mas sim por questões de interesse, como legislação, registro de patentes, novas tecnologias ou atender à demanda da população. De acordo com Giulianotti & Robertson (2006), as empresas transnacionais não contribuem para o desaparecimento dos estados-nação, pelo contrário, elas ajudam que os estados-nação participem mais ativamente de aspectos de promoção e crescimento da globalização do mercado, como, por exemplo, facilitando acordos de comércio.

Já os clubes de futebol, de acordo com Giulianotti & Robertson (2006), agora transformados em empresas transnacionais, detêm fortes laços de identidade com seu lugar de origem. Os clubes transnacionais praticam glocalização cultural na medida em que dão o status de figuras simbólicas a jogadores locais, enquanto contratam jogadores estrangeiros para ganhar títulos e alcançar um reconhecimento mundial. No entanto, essa mentalidade mudou nos 2000, quando o Real Madrid, presidido por Florentino Pérez, começou com sua filosofia *galáctica*, de contratar os melhores e mais carismáticos jogadores do mundo com intenções de ter conquistas, também, fora de campo, como explicou o diretor de marketing do clube à época, José Ángel Sánchez.

Se não tomarmos cuidado, em dez anos, se continuarmos a trazer os jogadores mais carismáticos, teremos metade do mundo torcendo pelo Real Madrid. [...] A ideia se estende a adultos de plateias de futebol imaturas, como na Ásia. Hoje, a lealdade é para com jogadores isolados, mas no futuro, com o amadurecimento das relações das pessoas com o esporte, passará a ser para com os clubes. (CARLIN, 2006, p.94)

O grande retrato desse pensamento foi a contratação, em 2003, de David Beckham, que como já vimos, se tornou uma grande estrela, notícia em todo o mundo e despertava grande interesse no público asiático. Tanto é que, segundo Carlin (2006), uma semana depois da ida do inglês para o Real Madrid, as 80 lojas esportivas de Cingapura informaram que o estoque de camisas do clube estava se esgotando e precisavam de reposição. Uma empresa de consultoria fez um estudo afirmando que o clube espanhol conquistaria, imediatamente, cinco milhões de torcedores do Manchester United, clube no qual Beckham jogava antes de se transferir para o Real Madrid, que os madrilenos poderiam esperar conquistar mais outro meio milhão de torcedores na Ásia. Além disso, Sánchez informou que, seis meses após a transferência, metade dos negócios do clube estava sendo fechado com clientes asiáticos.

Depois desse sucesso, tornou-se prática comum os clubes investirem em conquistar mercado em outros locais. Como exemplo, em 2005, tentando apostar na recuperação do mercado asiático, o Manchester United contratou o primeiro jogador asiático de sua história, o coreano Ji-Sung Park<sup>37</sup>. No Brasil, após o Corinthians contratar o chinês Chen Zizhao, em 2012, outros clubes seguiram pelo mesmo caminho, visando ganhar visibilidade na Ásia<sup>38</sup>. Outra prática que tem sido comumente adotada pelos grandes clubes é fazer suas pré-temporadas nesses mercados nos quais eles desejam ganhar mercado. Por exemplo, em 2015, o Real Madrid disputou a International Champions Cup, torneio amistoso, na Austrália e na China, e, em 2016, disputará o torneio nos Estados Unidos<sup>39</sup>. Já o Barcelona, em 2013, fez sua pré-temporada na Malásia e na Tailândia<sup>40</sup>.

De acordo com Rigo & Torrano (2013), Manuel Montalbán alertou que essa internacionalização dos clubes de futebol, decorrente da lei Bosman, pudesse contribuir para uma consequência desidentificadora dos clubes de futebol. Como Bauman (2005) afirma, o tema das identidades quase sempre remete ao conceito de nacionalidade. Porém, segundo Rigo & Torrano, Ramón Goig observou que no Barcelona, a maioria dos torcedores associa o clube à Catalunha, independentemente da nacionalidade dos jogadores. Como afirmam Giulianotti & Robertson, os clubes transnacionais driblam esse possível entrave escolhendo, como capitães de suas equipes, jogadores nascidos no país, ou na região, como é o caso do Barcelona.

É daí que surge a “identidade clubística”, proposta por Rigo & Torrano (2013), “uma ideia de identidade institucional, que comporta as singularidades esportivas, políticas e socioculturais de um determinado clube de futebol, sua constituição e aquilo que ele representa” (RIGO & TORRANO, 2013, p.192). A partir deste conceito, podemos explicar o surgimento, especialmente no caso espanhol, de palavras próprias para identificar a identidade dos times, como o *madridismo* e o *barcelonismo*.

Com o surgimento de outras questões além da nacionalidade na identidade clubística, os clubes, agora como entidades transnacionais, têm o caminho aberto para que torcedores de

<sup>37</sup> “Manchester United contrata o sul-coreano Park, do PSV Eindhoven”. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/2005/06/22/ult1777u30532.jhtm>>. Acessado em 17/06/2016.

<sup>38</sup> “Botafogo repete Corinthians com Zizao e usa chinês para ganhar asiáticos”. Disponível em <<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2015/06/04/botafogo-repete-corinthians-com-zizao-e-usa-chines-para-ganhar-asiaticos.htm>>. Acessado em 17/06/2016.

<sup>39</sup> “El Real Madrid se medirá a PSG, Chelsea y Bayern en la International Champions Cup”. Disponível em <<http://www.realmadrid.com/noticias/2016/03/el-real-madrid-se-medira-a-psg-chelsea-y-bayern-en-la-international-champions-cup>>. Acessado em 17/06/2016.

<sup>40</sup> “El partido amistoso entre el Barcelona y un combinado de Malasia cambia de escenario”. <<http://www.20minutos.es/deportes/noticia/gira-barca-pretemporada-barcelona-1892924/0/#xtor=AD-15&xts=467263>>. Acessado em 17/06/2016.

outros países possam se sentir identificados. Desta forma, temos visto um número grande de jovens brasileiros que torcem por equipes de outros países. Em 2014, a camisa infantil mais vendida foi a do Barcelona<sup>41</sup>. Retrato desse crescente interesse pelo clube é o jovem Rodrigo Andrade, de 19 anos, dono do twitter FC Barcelona Brasil<sup>42</sup>, que conta com mais de 11 mil seguidores. Em entrevista para este trabalho, Rodrigo contou porque decidiu criar o perfil e sobre sua relação com o clube catalão.

A minha admiração pelo Barcelona surgiu depois da ida de Ronaldinho para o clube. Na época, eu admirava bastante o brasileiro e então decidi acompanhá-lo na equipe. O sentimento não surgiu de repente e a influência de Ronaldinho colaborou, mas a paixão por este clube foi acontecendo ao longo dos anos. Não torço para nenhum time do Brasil, somente para o Barcelona. Minha família é flamenguista, porém, não obtive o mesmo sentimento que eles. Torcer para o Barcelona nunca foi uma opção, mas não se escolhe para qual clube você irá torcer. É um sentimento único, que vai surgindo aos poucos. Acredito que pelo que acompanhei, pesquisei e também por tudo que eu senti, posso me considerar um torcedor culé. (ANDRADE, 2016)<sup>43</sup>

Ao longo do próximo capítulo, veremos como o Barcelona conseguiu manter essa identificação com o povo Catalão, mesmo com o processo de globalização e com tantos estrangeiros no time, e também veremos outro exemplo de reação à globalização, o do Athletic Bilbao, que não abre mão da tradição de ter apenas jogadores nascidos ou com ascendência na região de Euskal Herría.

---

<sup>41</sup> "Crianças que escolhem times estrangeiros: a Geração Playstation não é 'apenas uma moda passageira'". Disponível em < <http://esportefinal.lance.com.br/geracao-playstation-criancas/>>. Acessado em 17/06/2016.

<sup>42</sup> Disponível em <[http://twitter.com/FCBarcelona\\_bra](http://twitter.com/FCBarcelona_bra)>. Acessado em 16/06/2016.

<sup>43</sup> Entrevista concedida ao autor.

## 4 ESTUDO DE CASO

Como já vimos anteriormente, as identidades nacionais foram uma tradição inventada. Esse conceito fica evidente na formação do estado espanhol, que nasceu de uma enorme fragmentação de reinos, com povos, línguas e culturas diferentes. A seguir veremos como o estado espanhol foi formado e como isso influenciou, séculos depois, nas relações dos clubes de futebol com suas regiões de origem. Mais precisamente, iremos analisar como o FC Barcelona e o Athletic Bilbao reagem ao processo de globalização sem perder seus traços culturais regionais.

### 4.1 FC Barcelona: “Més que um club”

Antes de falarmos sobre o futebol, devemos entender a formação do estado espanhol e suas peculiaridades. Na Espanha, a crise da identidade nacional apareceu bem antes do processo de globalização. Até o século XV, a região que hoje conhecemos como Espanha, na verdade, era um conjunto de vários reinos independentes. Havia os reinos católicos, Astúrias, Galícia, Leão, Castella, Navarra, Aragão e Catalunha, e o reino árabe de Granada, dominado pelos mouros.

Na segunda metade daquele século, os reinos católicos estavam empenhados em expulsar os mouros da península ibérica. Sob essa justificativa, a princesa das Astúrias Isabel e o rei de Aragão Fernando II se casaram e iniciaram a união do Reino Espanhol, autodenominando-se de “os Reis Católicos”. Vencida a Guerra de Reconquista, em 1492, os reis católicos se voltavam para a busca de uma identidade cultural que pudesse justificar a centralização do poder político.

Esta busca por uma identidade única espanhola começou pela religião. Os mouros, derrotados na Guerra de Reconquista, e os judeus foram expulsos do território. Além disso, os Reis Católicos incentivaram o preconceito contra negros e ciganos. Outro fator que ajudou na unificação do estado espanhol foi a conquista de territórios na África, das regiões italianas de Nápoles e Sicília e, talvez a mais importante delas, a descoberta da América, que rendeu riquezas em ouro e prata, além de terras férteis e exploração dos povos indígenas. No século XVI, o Império Espanhol foi a grande potência europeia.

Chegando, particularmente à Catalunha, em 1640 começaram os conflitos do Reino da Catalunha com o Reino da Espanha. Cansados da falta de autonomia após o reino espanhol ordenar que todos os reinos contribuíssem com soldados para o exército nacional, os catalães decidiram apoiar o rei da França Luís XIII em sua guerra contra o rei espanhol Felipe IV. Em 1641, a Catalunha se declarou uma república independente e, pouco depois, declarou o rei

francês como soberano da Catalunha. Apenas em 1652, o exército franco-catalão viria a se render. Com a assinatura do Tratado dos Pirineus, a Catalunha reconhecia o Rei Felipe IV como seu soberano e o rei, por sua vez, declarava obediência às leis catalãs.

No começo do século XVIII, após a morte do Rei Carlos II, o reino espanhol teve sua sucessão vaga, originando a Guerra de Sucessão Espanhola. A Catalunha havia apoiado o Arquiduque Carlos de Austria, porém Felipe de Bourbon saiu vitorioso após 11 anos de guerra. Mesmo com o acordo de paz assinado, a Catalunha não se rendeu, declarando guerra às tropas de Felipe V, pois este, nos acordos de paz, não havia garantido a permanência das leis e das instituições catalãs. No dia 11 de setembro de 1714, as tropas borbônicas conquistam Barcelona, conquistando, assim, a Catalunha. A vitória de Felipe V culminou na extinção da *Generalitat*<sup>44</sup> e dos direitos catalães e no consequente fim de sua autonomia, sendo, enfim, integrada ao Reino da Espanha.

O governo de Felipe V foi marcado pela forte inspiração no absolutismo francês. Centralizador em demasia, um de seus principais motes foi a homogeneização da cultura espanhola. Assim, as diversas línguas faladas no solo espanhol foram substituídas pelo castelhano. Em Barcelona, o catalão ficou proibido, devendo apenas o castelhano ser estudado na escola. Porém, como o reino dispunha de poucos recursos para controlar isso, muitas das famílias continuaram ensinando o catalão em casa para seus filhos. Em meados do século XIX, sendo uma das regiões mais industrializadas da Espanha, com a burguesia industrial obtendo grande crescimento e os níveis de alfabetização crescendo a Catalunha inicia um processo de resgate da sua cultura. A *Renaixença*<sup>45</sup> visava resgatar as tradições, a cultura e a língua catalã e foi o movimento chave para a criação do catalanismo político. Durante o século XX, o catalanismo sofreu duros golpes durante as ditaduras de Primo Rivera (1923-1930) e de Francisco Franco (1936-1973).

Quase que paralelamente à *Renaixença*, em 29 de novembro de 1899, o suíço Hans Gamper funda o Foot-ball Club Barcelona. Como observa Salvador (2004), em seus primeiros anos de vida, o Bracelona foi um clube ligado às elites, já que, naquela época, o futebol era considerado um esporte e a classe trabalhadora tinha tendência anarquistas e, por isso, rejeitava os esportes. Em 1910, o Barça adota o escudo que usa até hoje, que já demonstra a importância que o clube terá na sua relação com a Catalunha. A parte de cima do escudo é

---

<sup>44</sup> A *Generalitat* é o sistema institucional que comanda as instituições catalãs, como a presidência, o governo, o parlamento e outras instituições. Foi fundada em 1192, como Cortes Catalãs e sofreu vários fechamentos ao longo do tempo, como na ditadura do general Francisco Franco, no século XX.

<sup>45</sup> Renascimento em catalão. Movimento inspirado no movimento renascentista do século XVII.

dividida em duas partes. À esquerda, a cruz de *Sant Jordi*<sup>46</sup>. À direita a *senyera*<sup>47</sup>. Na parte de baixo, uma bola com o fundo azul e grená, cores do uniforme do clube. De acordo com Foer (2005), as cores são inspiradas no azul e no vermelho da bandeira tricolor da Revolução Francesa. “O Barça nasce ao mesmo tempo que toda uma geração de entidades catalãs fundamentais para a construção, a impulsão e a difusão do nacionalismo político catalão”<sup>48</sup>. (SALVADOR, 2004, p.76)

Outro fator que contribuiu para essa identificação do Barcelona com o catalanismo foi a posição do outro clube da cidade, criado na mesma época. O Club Deportivo Español, a começar pelo nome, com grafia em castelhano e não em catalão, não detinha as mesmas ambições descentralistas do Barcelona. Tanto é que, em 1912, o clube ganha o título de “real”, passando a se chamar Real Club Deportivo Español<sup>49</sup>. Em 1918, o Español define sua impopularidade ao assumir posição contrária ao pedido de autonomia da Catalunha. Já o Barcelona tornou-se o símbolo da luta pela independência catalã ao ficar ao lado dos catalães nesta briga e ao participar dos festejos<sup>50</sup> de 11 de setembro em 1919.

Os dirigentes do Barça, em seguida, fazem uma política que entra em sintonia perfeita com o pensamento da população catalanista. Assim, a entidade barcelonista se compromete com a vida social, cultural e política da Catalunha. Participará em manifestos ou manifestações de suporte a entidades culturais catalãs ou atos de reivindicação da autonomia, coisa que o clube azul e branco não fará (...) Nos anos vinte, se fomentaram os estereótipos que alimentaram a mitologia de um clube, o F.C. Barcelona, que passará a ser da equipe dos estrangeiros a simbolizar a Catalunha. Enquanto o outro, o R.C.D Espanyol, passará a representar os tópicos políticos do anticatalanismo<sup>51</sup>. (SALVADOR, 2004, p.77)

Essa diferença ideológica entre as duas equipes é fundamental para entender os motivos que levaram ao sucesso estrondoso do Barcelona e condenaram o Espanyol a ser um

<sup>46</sup> São Jorge em catalão. O Santo é o padroeiro da Catalunha.

<sup>47</sup> Bandeira da Catalunha, composta por quatro linhas verticais vermelhas, sob um fundo amarelo.

<sup>48</sup> Tradução do autor. Texto original: “El Barça neix al mateix temps que tota una gernació d’entitats catalanistes fonamentals per a la construcció, impuls i difusió del nacionalisme polític català”.

<sup>49</sup> Apenas em 1995, o clube adotou a grafia catalã em seu nome, passando a se chamar Club Deportivo Espanyol de Barcelona, como parte da estratégia de recuperar sua identidade catalã.

<sup>50</sup> O dia 11 de setembro, como visto anteriormente dia da invasão das tropas borbônicas a Barcelona, é conhecido como o Dia Nacional da Catalunha e é marcado por festejos e manifestações do orgulho catalão em toda a região.

<sup>51</sup> Tradução do autor. Texto original: “Els dirigents del Barça d’aleshores fan una política social que sintonitza perfectament amb àmplies capes de la població catalanista. Així, l’entitat barcelonista es compromet amb la vida social, cultural i política de Catalunya. Participarà en manifestos o manifestacions de suport a entitats culturals catalanes o actes reivindicatius de l’autonomia, cosa que no farà el club blanc-i-blau (...). En els anys vint, es fonamentaran els estereotips que alimentaran la mitologia d’un club, el F.C.Barcelona, que passará de ser l’equip dels estrangers a simbolitzar Catalunya. Mentre que l’altre, el R.C.D. Espanyol, passará a representar els tòpics polítics de l’anticatalanisme.”

time mediano, de pouco títulos, sócios e torcedores. Com o futebol ainda no começo do século XX muito identificado com a burguesia, a burguesia catalã adotou o Barcelona por suas bandeiras na luta catalã. O número de sócios pula de 300 na primeira década de vida do clube para 3 mil em 1920. Dois anos depois, o clube construiria seu primeiro estádio, o Les Cortes, com capacidade para 25 mil espectadores.

Em 1923, o ditador Miguel Primo de Rivera chega ao poder na Espanha. Em pouco tempo, ele abole todas as instituições catalãs e proíbe os símbolos da nação, como a Senyera, a língua catalã e até mesmo as igrejas. A repressão, porém, impulsionam um impulso na radicalização do nacionalismo catalão. Assim, a construção simbólico-ideológica do Barcelona foi reforçada. De acordo com Salvador (2004), nos anos 20, não era raro ver brigas nas Ramblas de Barcelona entre esquadrões do Estado Catalão e militantes da Liga Patriótica, sob a justificativa de se tratarem de brigas por causa de rivalidade futebolística.

Em 14 de junho de 1925, o Barcelona desafiou a ditadura e promoveu um jogo em homenagem ao Orfeo Català<sup>52</sup>. No intervalo, um barco inglês atracado no porto de Barcelona começou a tocar o hino da Espanha, que foi prontamente vaiado pelos 14 mil torcedores presentes ao Les Cortes. Logo depois, o público aplaudiu quando o barco tocou o hino da Inglaterra. A manifestação do público causou a ira de Primo de Rivera, que mandou fechar as portas do estádio barcelonista por seis meses, proibiu todas as atividades do clube e exilou Hans Gamper. As medidas tinham como principal objetivo afetar as finanças do clube azul-grená, já que a principal fonte de receita naquela época vinha da venda de ingressos para sócios. Contudo, os sócios do Barcelona não deixaram de pagar suas mensalidades, colaborando para a manutenção do mesmo durante esse período. Naquele mesmo ano, o ditador proibiu novamente a exibição da bandeira catalã, a língua local de ser falada nas ruas e fechou não só o Orfeo Català como outras 149 entidades catalãs.

Com o fim da ditadura de Primo de Rivera, em 1931, a Catalunha viveu momentos de autonomia plena. Em 1932 foi aprovado o Estatuto de autonomia e foi reestabelecida a Generalitat. As instituições governamentais catalãs foram recuperadas pelas forças republicanas. Os anos 30, apesar de não terem sido bons esportivamente para o Barcelona, sem nenhum título conquistado, foram fundamentais na identificação do clube com o estado catalão, na medida em que o clube estava alinhado com as entidades mais propagadoras do calanismo, participando das comemorações de 11 de setembro, colaborando com campanhas em prol da Catalunha, ajudando no ensino do catalão, organizando cursos para professores da

---

<sup>52</sup> Coral catalão, outro grande símbolo da cultura catalã.

região e etc. Porém, a partir da segunda metade da década, tanto o Barça quanto a Catalunha sentiriam um golpe nas suas ambições nacionais.

Em 1936, Largo Caballero, político socialista espanhol, assumiu como primeiro ministro, o que causou profunda insatisfação nos setores conservadores da política do país. A direita espanhola tentou um novo golpe de estado, desta vez sem sucesso, devido à força dos movimentos anarquistas e do Partido Comunista Espanhol. A partir de então, o cenário político ficou dividido entre a Frente Popular, composta por integrantes da esquerda espanhola, e a Frente Nacional, composta pelas forças da direita e liderada pelo general Francisco Franco. Em 13 de julho, o assassinato do líder da direita monarquista, José Calvo Sotelo, deflagrou o início da Guerra Civil Espanhola.

Durante a Guerra Civil, a Frente Nacional recebeu o apoio das tropas nazista e fascista de Alemanha e Itália. Do outro lado, a Frente Popular recebia apoio da União Soviética. Em 1939, as tropas de Franco conquistam a Catalunha e, pouco depois, Madri. Em 1º de abril, o general declara o fim da Guerra Civil. Era o início da ditadura de Francisco Franco e a instalação do nazi-fascismo na Espanha. Porém, curiosamente foi o período mais importante da construção do mito F.C. Barcelona e do lema que, até hoje, é marca registrada do clube: “més que um club”<sup>53</sup>.

Durante a Guerra Civil, o Campeonato Espanhol de futebol foi paralisado. Com isso, para arrecadar dinheiro, o Barcelona decidiu, em 1937, sair em turnê pela América. Vale destacar que o clube funcionava como uma espécie de embaixada da Generalitat catalã e representava os ideais de luta da Frente Popular. A maioria dos jogadores que participaram daquela excursão ou não voltou à Espanha, ficando por França, México, Argentina e outros países para atuar em seus clubes, ou não pôde voltar a jogar profissionalmente no país, por traição à pátria.

Os anos que se seguiram à vitória de Franco foram um novo golpe no orgulho catalão e foram marcados por “sendo generosos, um verdadeiro etnocídio político-cultural sistemático que começou antes mesmo da entrada das tropas franquistas em Barcelona, em 29 de janeiro de 1939, e que continuou até o último dia”<sup>54</sup> (SALVADOR, 2004, p. 84). Os nacionalistas consideravam o separatismo um crime imperdoável e algumas de suas principais medidas foram: fuzilamento do presidente da Generalitat Lluís Companys, abolição do estatuto de

---

<sup>53</sup> Tradução literal em catalão para “mais que um clube”.

<sup>54</sup> Tradução do autor. Texto original: “essent generosos, com d’un veritable etnocidi politicocultural sistemàtic egegat, fins i tot abans, de l’entrada de les tropes franquistes a Barcelona el 26 de gener de 1939, i continuat fins a l’últim dia”.

autonomia, ilegalidade do uso público da língua catalã, incluindo a troca de placas públicas e a troca até de nomes próprios por suas respectivas traduções em castelhano.

O começo do governo de Franco também marcou um golpe no orgulho do Barcelona. O clube, esquarterado esportivamente devido à proibição da participação dos atletas que estiveram presentes na turnê pela América em 1937, teve que aceitar a intervenção do estado. De acordo com documentos da Chefia Superior de Polícia, o Barça era um clube com passado de esquerda e separatista<sup>55</sup>. O presidente do clube, Josep Sunyol i Garriga, foi fuzilado pelas tropas de Franco ainda durante a Guerra Civil, em 1937, porém a junta diretiva do clube decidiu mantê-lo como presidente ausente até 1939, quando o governo franquista interveio na política do clube e nomeou Enrique Piñero Queralt, militar e um dos principais nomes na conquista da Catalunha. No pós-guerra, o corpo de associados do clube voltou a cair, para cerca de 2.500 sócios.

Outra medida foi mudar o nome do clube. As autoridades consideraram que o nome Futbol Club Barcelona era uma tradução malfeita do inglês, ignorando a grafia em catalão. Até 1974, o clube teve que carregar o nome em espanhol de Club de Fútbol Barcelona. Em 1939, a Liga Espanhola foi reestabelecida. De acordo com Salvador (2004), as constantes mostras das autoridades do clube de adesão ao regime chegam, em certo momento, a beirar o patético.

As autoridades entendiam que o clube tinha que abdicar publicamente do seu catalanismo e aderir aos princípios do Movimento. Para isso, se organiza uma cerimônia no Les Corts destinada a incorporar a entidade à nova ideologia oficial, uma espécie de exorcismo dos maus espíritos *vermelho-separatistas*. Durante o ato, o inefável Ernesto Giménez Caballero<sup>56</sup> expressa 'seu amor à Catalunha, redimida pelo glorioso exército, e às glórias de um clube de prestígio como o Barcelona, mas que havia se afastado do bom caminho por culpa de uns espíritos malignos que o haviam levado a uma política separatista.' (...) Tudo isso, na presença de um público inflamado, que celebra o momento com os braços levantados, ao estilo fascista e com gritos de 'Viva o Barcelona!' e 'Viva Espanha!' (SALVADOR, 2004, p. 88)<sup>57</sup>

<sup>55</sup> Informação do jornal *El Periódico de Catalunya* de 16 de junho de 1994.

<sup>56</sup> Escritor, intelectual e diplomata espanhol, Caballero foi um dos grandes responsáveis pela introdução do fascismo na Espanha.

<sup>57</sup> Tradução do autor. Texto original: "les autoritats van entendre que el club havia d'abdicar públicament del seu catalanisme i adherir-se als principis del Movimiento. Per això s'organitza una cerimònia a Les Corts destinada a incorporar l'entitat a la nova ideologia oficial, una mena d'exorcisme dels mals esperits rojo-separatistas. Durant l'acte, l'inefable Ernesto Giménez Caballero expressa "el seu amor a la Catalunya redimida pel gloriós exèrcit i a les glòries d'un club de prestigi com el Barcelona, però que s'havia apartat del bon camí per culpa d'uns esperits malignes que l'havien portat cap a una política separatista.(...)". Tot això, en presència d'un públic enardit que celebra el moment amb els braços alçats a l'estil feixista, i amb crits de "¡Viva el Barcelona !" i "¡Viva España !".

De acordo com Moles (2013), em “El Barça i el Franquisme”, Carles Santacana aponta um episódio como o principal ponto de retomada do catalanismo no Barcelona. Em 1943, Barcelona e Real Madrid disputavam a semifinal da Copa del Genrealíssimo<sup>58</sup>. Na partida de ida, no estádio Les Cortes, o Barcelona venceu pelo placar de 3 a 0. O duelo ficou marcado pelas ofensas e vaias da torcida barcelonista aos jogadores do Real Madrid. Um jornalista espanhol ligado ao regime franquista “acusava o público do Les Corts, que 'ao vaiar os jogadores do Real Madrid, se via claramente que repreendiam os representantes da Espanha”<sup>59</sup> (MOLES, 2013, p.12). Para a volta, criou-se um clima de guerra no estádio Chamartín, em Madri. Antes do início do jogo, o diretor geral de segurança do Estado foi pessoalmente ao vestiário do Barcelona para, segundo Salvador (2004), dar instruções aos jogadores catalães sobre como eles deveriam jogar para sair de lá vivos. Pouco depois, Celestino Rodríguez, o árbitro da partida, fez o mesmo. O secretário ainda teria dito aos jogadores: “[vocês] devem lembrar que alguns de vocês fazem parte do Barcelona graças à generosidade do regime, que perdoou sua falta de patriotismo”<sup>60</sup> (BURNS, 1999, p.38).

O resultado final da partida foi de 11 a 1 para o Real Madrid, a maior goleada até hoje na história do confronto entre as duas equipes. Salvador (2004) relata a crônica de Juan Antonio Samaranch<sup>61</sup>, na qual ele afirma que “não se devem buscar culpados, porque não há na equipe. Já dissemos que o Barcelona não jogou nem bem, nem mal. Não existiu. Não foi visto em toda a tarde. Era o melhor que poderia fazer naquelas circunstâncias”<sup>62</sup> (SALVADOR, 2004, p.89). Como resultado do massacre, o presidente que havia sido designado pelo próprio governo, Enrique Piñero Queralt, pede renúncia e outro presidente apontado pelo franquismo toma posse no clube, o coronel José Vendrell.

Desde então, nada seria igual nas relações entre Barça e Real Madrid, e logicamente se abria a porta para que o clube azul-grená tornasse a recuperar sua significação de representação cidadã. Naturalmente não podia ser como antes de 1936, mas agora os enfrentamentos esportivos com o Real Madrid

<sup>58</sup> Hoje conhecida como Copa del Rey, o torneio nacional da Espanha sempre leva em seu nome o título da principal figura do estado espanhol. Como na época o chefe de estado era o general Francisco Franco, a copa era conhecida como Copa del Generalíssimo.

<sup>59</sup> Tradução do autor. Texto original: “acusava al públic de Les Corts de que ‘al silbar a los jugadores del Real Madrid, se veía claramente que increpaba a los representantes de España”.

<sup>60</sup> Tradução do autor. Texto original: “debían recordar que algunos de ustedes forman parte del Barcelona gracias a la generosidad del régimen que les ha perdonado su falta de patriotismo”.

<sup>61</sup> Até então jovem jornalista e de inegável fidelidade ao regime franquista. Anos depois, Samaranch viria a ser presidente do Comitê Olímpico Internacional.

<sup>62</sup> Tradução do autor. Texto original: “No hay que buscar culpables porque no los hay en el equipo. Ya hemos dicho que el Barcelona no jugó ni bien ni mal. No existió. No se le vio en toda la tarde. Era lo mejor que se podía hacer en aquellas circunstancias”.

vão adquirir um papel que não haviam tido antes. (SANTACANA Y TORRES apud MOLES, 2013, p. 8)<sup>63</sup>

Apesar do futuro da nação espanhola se apresentar pessimista como consequência da destruição causada pela Guerra Civil, paradoxalmente, o Barcelona os anos seguintes se tornaram fundamentais para que o Barcelona se tornasse uma das maiores entidades esportivas do mundo. O clube foi, por diferentes razões, um fator de aglutinação entre as classes sociais e o povo catalão em geral.

Durante a ditadura, o futebol ganhou grande importância na vida espanhola. O governo franquista investiu, especialmente, em touradas, no cinema e no futebol como formas de espetáculo para distrair a população de outras grandes preocupações. Porém, o Real Madrid ia adquirindo uma identificação muito forte com o governo. Vale lembrar que a equipe da capital espanhola era o time pelo qual o general Francisco Franco torcia. E as coisas começaram a ficar mais evidentes em um episódio específico, em 1953.

Havia algum tempo que o Barcelona sonhava com a contratação do craque argentino Alfredo Di Stéfano. No final da década de 40, jogadores de Argentina e Uruguai entraram em greve, exigindo maiores salários. Na Colômbia, os clubes montavam um liga, a qual chamavam de El Dorado. O diferencial dessa liga era que os clubes colombianos ignoravam os contratos e os passes dos jogadores estrangeiros. Durante a crise, o Millonários, de Bogotá, levou Di Stéfano, que atuava no River Plate, sem pagar nada ao clube argentino. Em 53, o Barcelona negociou com o River Plate a contratação do argentino. Só que, por outro lado, o Real Madrid negociou com o Millionários a contratação de Di Stéfano. A FIFA deu ganho de causa ao Barcelona e o argentino chegou a disputar algumas partidas amistosas pelo clube azul-grená. Porém a Real Federação Espanhola Futebol decidiu que o caso deveria ser solucionado pela Delegação Nacional de Educação Física e Eportes. Ocorre que o presidente da entidade era o general José Moscardó, herói de guerra do exército da Frente Nacional na Guerra Civil. Moscardó apresentou a seguinte solução: Di Stéfano ficaria os dois primeiros anos no Real Madrid e os dois anos seguintes no Barcelona. Como consequência do caso, o presidente Enric Martí Carreto renunciou ao cargo, possibilitando as primeiras eleições presidenciais da história do Barça. “Esta operação reforçava ainda mais a sensação de que o

---

<sup>63</sup> Tradução do autor. Texto original: ““Des d’aleshores, res seria igual en les relacions entre Barça i Real Madrid, i lògicament s’obria la porta perquè el club blaugrana tornés a recuperar la seva significació de representació ciutadana. Naturalment no podia ser com abans de 1936, però ara els enfrontaments esportius amb el Real Madrid van adquirir un paper que no havien tingut abans”.

Real Madrid se convertia na veia futebolística do franquismo”<sup>64</sup> (SANTACANA Y TORRES apud MOLES, 2013, p.12).

Os anos que se sucederam à transferência de Di Stéfano foram marcados pelo amplo domínio do Real Madrid, não só no futebol espanhol, como também no futebol Europeu. Em 1955, foi criada a European Cup, torneio envolvendo os principais clubes europeus e que hoje é conhecido como UEFA Champions League. O clube da capital espanhola venceu as cinco primeiras edições do torneio continental. Além disso, o Real venceu quatro vezes consecutivas o Campeonato Espanhol, saindo de apenas dois para seis títulos e empatando com o Barcelona como maior vencedor da competição.

Com esses dois episódios marcantes, os anos 40 e 50 marcaram a mudança da rivalidade. O maior rival do Barcelona deixou de ser o Espanyol e passou a ser o Real Madrid. Pouco a pouco, a burguesia catalã foi voltando a fazer parte da direção do Barcelona. Em 1944, o Barcelona retornou ao patamar de 25 mil sócios e aumentou a capacidade do Les Cortes para 50 mil espectadores. Na Catalunha, durante o período da ditadura, todas as coisas para a ter um significado maior. Assim, clubes esportivos, músicos, canções, instituições, em suma, tudo que represente a Calatunha vencida e carregue os ideais do catalanismo começa a ser visto como “mais que...”. Salvador (2004) aponta o FC Barcelona como o símbolo mais potente e aglutinador dessa luta, como um meio de sublimação épica da Catalunha.

No Barça, vai se concentrando toda uma complexa mitologia identitária e, inclusive, se configura como um dos únicos âmbitos que permitiam uma tímida reivindicação catalã e anti-franquista, com a particularidade que, por ser uma manifestação indireta, ambígua, hiperbólica e, ao mesmo tempo, um espaço de permissividade obrigada, o regime nada pode fazer senão tolerá-lo como um mal menor. (SALVADOR, 2004, p.92)

Vale destacar que essa visão do Barcelona como uma metonímia da Catalunha vem mais de fora do que de dentro. Durante os anos do franquismo, os presidentes eram todos eles ligados de certa forma ao regime ditatorial e não influenciavam nisso. Alguns deles, inclusive, chegaram a ter influência direta na campanha de Franco em 1966. Muito menos os jogadores são responsáveis por essa identificação, já que poucos foram os atletas que se manifestaram desta forma.

Como aponta Salvador (2004), foi a massa catalã que trouxe esse significado transcendente ao Barcelona. As massas que transformaram o Barça num espaço de distração, *catalanidade* e liberdade. Durante as partidas e nas comemorações das conquistas azul-grenás,

---

<sup>64</sup> Tradução do autor. Texto original: “aquesta operació reforçava encara més la sensació de que es convertia el Reial Madrid en la cara futbolística del franquisme”.

eram possíveis ver, mesmo que fossem proibidas, bandeiras da Catalunha, eram possíveis ser ouvidos cânticos em catalão. O Barcelona se transformou numa substituição simbólica da luta catalã.

O Barça é um fato social que transcende as vontades, os sentimentos individuais. E, como fato social, podemos dizer que a grande massa de seguidores azul-grená continua 'crente' com seu 'mais que um clube', independentemente de diretores ou jogadores, que frequentemente são vistos como um mal menor. (SALVADOR, 2004, p. 93)<sup>65</sup>

Impulsionado pelas conquistas no começo dos anos 50 e pela presença do craque húngaro Laszlo Kubala, o Barcelona obteve um salto no seu quadro de sócios na década de 50 e ultrapassou a marca dos 50 mil associados. O estádio Les Cortes estava ficando pequeno para a torcida catalã. Em 1957, o clube inaugurou sua nova casa, o Camp Nou, que significa campo novo em catalão, com capacidade para 80 mil torcedores.

O anos 60 foram uma luz no fim do túnel para a Catalunha. A década foi de recuperação e crescimento econômico da região. Moles (2013) observa que este período traz duas mudanças chave na sociedade catalã: uma mudança de geração e uma mudança de mentalidade. O crescimento econômico trouxe, também uma mudança na estrutura social. Cerca de um milhão de espanhóis migraram de outras regiões da Espanha para a Catalunha nesta época. De acordo com Figols (2014), a década de 60 também teve papel fundamental, pois foi nela que as camadas populares aderiram com maior fervor ao movimento nacionalista. A repressão do governo franquista passou a provocar efeito contrário, pois “uma forte reação cultural da década de 60, que, inclusive, provocou uma radicalização ideológica e política, tanto no caso basco quanto no catalão” (RIQUER apud FIGOLS, 2014, p.364).

Em 1967, após a saída do presidente Enric Llaudet, segundo Figols (2013), o Barcelona estava dividido internamente. Enquanto havia dirigentes que eram solidários ao regime franquista, formou-se um grupo, inspirado pela revolução cultural da década, que queria introduzir uma linha mais catalanista no clube. Para tentar acalmar os ânimos internamente, Narcís de Carreras foi escolhido presidente, em 1968. Carreras ficou apenas dois anos na presidência do clube, porém, foi protagonista de dois eventos fundamentais no rumo que o Barça tomou dali em diante.

Em 1968, o clube catalão fez a final da Copa do Generalíssimo contra o Real Madrid. Como era tradição naquela época, a partida decisiva era jogada no estádio Santiago Bernabéu,

---

<sup>65</sup> Tradução do autor. Texto original: “el Barça és un fet social que transcendeix les voluntats, sentiments i projeccions individuals. I, com a fet social, podem dir que la gran massa de seguidors blaugranes continua “creient” amb el seu “més que un club”, independentment de directius o jugadors, que sovint són percebuts com un mal menor a patir”.

casa do Real Madrid. O presidente do clube da capital, que dava nome ao estádio, era um nacionalista fervoroso, com frases polêmicas, como “gosto e admiro a Catalunha, apesar dos catalães”. Com os ânimos exaltados por conta de toda rivalidade, o Barcelona venceu a partida por 1 a 0 nos minutos finais. Depois da vitória, os jogadores do Barça deram uma volta olímpica no estádio do rival, como provocação, e receberam como resposta, uma chuva de garrafas das arquibancadas do Santiago Bernabéu. O episódio ficou conhecido como “Final das Garrafadas”. Ainda naquele dia, o presidente Carreras viria a se envolver em uma polêmica.

Não menos polêmica houve na tribuna, com a resposta que o então presidente do Barça, Narcís de Carrera, deu à esposa do Ministro da Governação, Camilo Alonso Vega. Esta senhora, muito abalada pela derrota, e após diversas lamentações públicas, por conselho de seu marido e querendo mostrar imparcialidade, disse ao presidente catalão: ‘Bem, te felicito porque... Barcelona também é Espanha, não?’. O máximo dirigente azul-grená deixou sair da alma um ‘não fode senhora, não fode!’ Tudo isto teve uma grande repercussão na imprensa de Madri e na catalã. O Barça foi recebido de maneira apoteótica no aeroporto, preenchendo uma outra página ‘gloriosa’ na história do clube.<sup>66</sup> (SALVADOR, 2004, p. 100)

Carreras também foi o responsável por cunhar a frase que, até hoje, é o grande símbolo do FC Barcelona e de suas lutas catalanistas. Em seu discurso de posse, Narcís declarou que “O Barcelona é mais que um clube”<sup>67</sup>. Como vimos anteriormente, nos anos 40 e 50, as instituições catalãs já carregavam esse sentido se significarem algo mais que seus simples propósitos. Porém, é na gestão conturbada de Carreras que o lema nasce e se consolida em 1970, já com outro presidente, após o “Caso Guruceta”.

Pelas quartas de final daquele ano, Real Madrid e Barcelona se enfrentavam na partida de volta no Camp Nou, com o time da casa precisando vencer por dois gols de diferença para avançar. Aos seis minutos do segundo tempo, com o placar marcando 1 a 0 para os catalães, o árbitro Emílio Guruceta marcou pênalti inexistente para o Real Madrid. O time da capital empatou a partida e o placar se manteve inalterado, até os 40 minutos, quando a torcida barcelonista invadiu o campo numa, “pacífica manifestação barcelonista e catalanista. Os

---

<sup>66</sup> Tradução do autor. Texto original: “no menys polèmica hi hagué a la llotja, amb la resposta que l’aleshores president del Barça Narcís de Carreras donà a la dona del ministre de Governació, Camilo Alonso Vega. Aquesta senyora, molt afligida per la derrota, i després de diverses lamentacions públiques, per consell del seu marit i volent mostrar imparcialitat, li digué al president català: “Bueno le felicito porque... Barcelona también es España, no?”. El màxim dirigent blaugrana, li va sortir de l’ànima un “no fotem senyora, no fotem!”. Tot plegat tingué un gran ressò a la premsa madrilenya i catalana. El Barça fou rebut de manera apoteòsica a l’aeroport, omplint una altra pàgina “gloriosa” de la història oficial del club.”

<sup>67</sup> Em catalão, “més que um club”.

gritos se dirigem ao centralismo, a Guruceta e ao Real Madrid”<sup>68</sup> (SALVADOR, 2004, p. 101). Com a partida encerrada e os jogadores já nos vestiários, a polícia começou uma repressão violenta aos torcedores no gramado, ao que a torcida catalã inteira presente respondeu aos gritos uníssonos de “polícia assassina”. De acordo com Salvador (2004), as ações policiais seguiram por dias, resultando em inúmeras detenções por Barcelona. Muitos catalães sentiram a repressão como mais um ataque da ditadura e do centralismo franquista. Mais uma vez, as coisas ultrapassavam o âmbito esportivo.

Figols (2013) explica que as partidas entre Barça e Real atingiam três esferas: a primeira, esportiva, que se dava no embate dentro de campos de duas das principais potências futebolísticas da Espanha. A segunda era a representação da luta regionalista, entre a Castilha e Catalunha. E a terceira esfera era a política, já que o clássico colocava frente a frente duas ideologias diferentes. De um lado, um clube que carregava a identificação de direita e de ser a equipe do regime franquista. Do outro, o clube considerado liberal, de esquerda e declaradamente de oposição ao regime autoritário de Franco.

No ano de 2000, a rivalidade entre Real Madrid e Barcelona ganhou um novo ingrediente. Apesar da intensa rivalidade, por incrível que pareça, transitar entre os dois clubes não é significado de grandes problemas para os jogadores. A maioria dos atletas que jogaram nos dois clubes não ganharam antipatia de uma ou da outra torcida por ter vestido as cores do rival. Há até casos como o do brasileiro Evaristo de Macedo, que é considerado ídolo em ambas as equipes. Porém, a situação da transferência de Luís Figo do Barcelona para o Real Madrid ultrapassou os limites do aceitável para os catalães.

O então candidato à presidência do clube da capital Florentino Pérez prometeu contratar o português, que atuava pelo rival catalão. Antes de sair para a disputa da Euro, Figo deu entrevistas dizendo que não aceitaria dinheiro nenhum para trocar o Barça pelo Real. Porém, ao voltar do campeonato de seleções, o português aceitou a proposta madrilena e foi para o Santiago Bernabéu. A torcida se enfureceu tanto, que na primeira partida que o português fez contra seu ex-clube no Camp Nou, os barcelonistas jogaram uma infinidade de objetos no gramado, incluindo uma cabeça de porco, fazendo com que a partida ficasse paralisada durante alguns minutos.

A frase do discurso de posse de Carreras não foi publicada pelos jornais do dia seguinte, devido à censura que os periódicos enfrentavam. Porém, há algumas referências a ela, como no artigo de 1969, “Barça, Barça, Barça: Más allá del fútbol”, no qual “Montalbán,

---

<sup>68</sup> Tradução do autor. Texto original: “Es criden consignes contra el centralisme, el Real Madrid i en Guruceta”.

um culé assumido, finaliza seu texto destacando que ‘o Barça é a única instituição legal que une o homem da rua à Catalunha que poderia ter sido e não foi’” (RIGO & TORRANO, 2013, p.197). Foi nestes dois anos de seu curto mandato que o clube se assumiu, internamente, como a instituição que iria lutar pelo catalanismo porque, como já vimos, até então o Barcelona era comandado por pessoas ligadas ao regime franquista e esse sentimento se dava mais de fora para dentro. Narcís de Carrera deixou o clube em 1969, sem conseguir cumprir aquilo a que havia se proposto: a união interna e a volta aos títulos. Porém, algo mais importante surgiu para o clube azul-grená naquele momento. O Barcelona conquistou o status de equipe nacional da Catalunha.

Se observarmos a frase més que un club veremos que ela está inserida no campo da representação. Para Mauricio Murad pensar futebol no âmbito cultural é trabalhar no “universo das representações sociais”. Já Richard Giulianotti entende que o futebol pode ser usado para “expressar formas particulares de identidade social e cultural”. Deste modo, o FC Barcelona assumiu não só uma identidade social como também cultural. A frase pode ser vista como uma expressão de um processo longo de construção que se reporta à experiência dos catalães, às disputas políticas encetadas em meio ao regime de Franco e que sofreram forte inflexão no momento de crise do referido regime. Se um clube representa os seus torcedores, no caso do FC Barcelona não é diferente. Nesse sentido, a frase de Carreras surgiu como uma forma de expressão da posição política do FC Barcelona frente ao governo central. Todavia, com o passar dos anos més que un club foi associado à resistência ao franquismo, portanto a frase atuou, e atua ainda hoje, no campo da representação dos torcedores e dos catalães em relação a si mesmos e à Espanha, o que implica muitas e plurais apropriações. Assim, o clube pode representar os torcedores e a frase pode representar as lutas entre a Catalunha e o governo central, como sugere Duncan Shaw “el club había sido un promotor del *folklore* y la cultura catalanes durante los largos años de dictadura [...]” (FIGOLS, 2014, p. 367-368)

Para Salvador (2004), o que aconteceu no âmbito esportivo nos anos 70, especialmente na temporada 73-74, foi uma metáfora do que estava por acontecer na sociedade espanhola. De acordo com Moles (2013), o período trouxe o auge do catalanismo dentro do Barcelona. A década foi marcada pelo enfrentamento dos torcedores do Barça e dos cidadãos catalães contra um regime em decadência. Figols (2014) mostra como a língua catalã e o Camp Nou podem exemplificar este enfrentamento. Nesta época, os carnês de sócio passaram a ser escritos em catalão. O idioma era ouvido não mais apenas das bocas dos torcedores, mas também dos megafones do estádio, que passava a anunciar as informações em catalão, contrariando as leis franquistas que proibiam o uso de qualquer outra língua que não o castelhano.

Em 1973, chega ao FC Barcelona o homem que mudaria, de vez, a história do clube, o holandês Johann Cruyff. Já vimos anteriormente que, para a maioria dos torcedores do clube,

a nacionalidade de jogadores, treinadores e dirigentes não influencia na identificação do clube com a Catalunha e, mais à frente, veremos como a cultura catalã fez possível com que dois jogadores estrangeiros se tornassem símbolo daquela região.

Voltando à chegada de Cruyff, a contratação do holandês é mais uma prova da crescente importância que o Barça ganhava àquela época. Após o caso Di Stéfano, a Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF) proibiu parcialmente a contratação de jogadores estrangeiros<sup>69</sup>. De acordo com Figols (2013), o clube catalão sempre teve interesse em contar com atletas estrangeiros em sua equipe. Em 1967, os azul-grená contrataram o atacante brasileiro Silva Batuta junto ao Flamengo, como forma de tentar pressionar a RFEF a permitir a presença de atletas estrangeiros na liga local. A entidade não atendeu às expectativas e, depois de um ano atuando apenas em amistosos internacionais, Silva foi vendido ao Santos.

Dois anos mais tarde, o Barça tentaria a contratação do atacante Paraguaio Severiano Irala. A RFEF, porém, impede a transferência após descobrir que o jogador já havia atuado pela seleção paraguaia. Uma investigação da FIFA mostraria que um grande número de jogadores apresentou documentações falsas afim de provar que não haviam jogador por suas seleções de origem e de demonstrar origem espanhola, dentre eles o também paraguaio Sebastián Fleitas, que fora contratado um ano antes pelo Real Madrid. O Barcelona começou a fazer pressão exigindo ter os mesmos direitos que os outros clubes. Em 1973, o clube catalão ganhou a queda de braço e a RFEF permitiu a contratação de quaisquer jogadores de outros países, apenas com a limitação de um máximo de três estrangeiros por equipe.

Neste contexto e num jejum de 14 anos sem conquistar o Campeonato Espanhol, “Cruyff foi recebido como um ‘Messias’, encarregado de tirar o clube catalão da escuridão, em sua particular travessia no deserto esportivo e sentimental”<sup>70</sup> (SALVADOR, 2004, p. 102). A importância da contratação do holandês vai além das quatro linhas. Primeiro porque o Barcelona atravessou a negociação do Real Madrid para a transferência do jogador. Segundo porque o valor pago de 60 milhões de pesetas o transformou no jogador mais caro do mundo e, “dando uma demonstração do desproporcional poder econômico do clube frente aos rivais”<sup>71</sup> (MOLES, 2013, p.24). Em terceiro lugar, porque mostrou a união do povo catalão no

<sup>69</sup> A única exceção era para jogadores de família espanhola, que falassem castelhano e que ainda não tivessem atuado pela seleção do país no qual tivessem nascido.

<sup>70</sup> Tradução do autor. Tradução original: “Cruyff fou rebut com el ‘Messies’ encarregat de treure el club català de la foscor, en la seva particular travessia del desert esportiu i sentimental”.

<sup>71</sup> Tradução do autor. Texto original: “demostració desmesurada de poder econòmic per part del club català enfront els seus rivals”

empenho em levar o principal jogador do mundo para o clube. Segundo Salvador (2004), o Banco Catalão teve importância fundamental ao financiar a contratação.

Em sua primeira temporada no Camp Nou, Cruyff leva o Barça a feitos inimagináveis. O clube finalmente sagrou-se campeão espanhol, jogando um futebol vistoso, obtendo o recorde de 27 partidas seguidas de invencibilidade, e ainda aplicando uma goleada por 5 a 0 sobre o Real Madrid em pleno Santiago Bernabéu. A partida contra os maiores rivais fez com que o povo catalão fosse às ruas comemorar o resultado como se fosse um título e, segundo Moles (2013), o regime usou o aparato militar para dissolver as comemorações públicas dos catalães esse dia.

Apesar da enorme euforia que se vivia nos ambientes azul-grená, mal se podia suspeitar que a conjunção entre o êxito esportivo e a significação sócio-política se materializaria tão brevemente de uma forma plástica e concreta, da melhor maneira que o universo azul-grená jamais poderia ter imaginado.<sup>72</sup> (MOLES, 2013, p. 25)

A conquista do título rendeu mais do que as simples comemorações de rua. Os festejos foram acompanhados, de acordo com Figols (2014), por uma série de atos *folklóricos*. O pós-título também trouxe outro tipo de manifestações, como canções e até um novo hino foi criado para o clube. O ano de 1974 também marcava a comemoração pelos 75 anos de fundação do clube. Neste ano, o Barça conseguiu de volta seu escudo original, com a senyera ao lado da cruz de Sant Jordi, e a grafia original de seu nome em catalão. As conquistas barcelonistas de 1974 mostram como “o clube havia se tornado a ponta de lança da luta contra o centralismo do regime, e o defensor de propostas de democratização e catalanização da sociedade”<sup>73</sup> (SANTACANA Y TORRES apud MOLES, 2013, p. 25).

No documentário “Em um momento dado”, Johann Cruyff conta que, ao conquistar o título, os torcedores do Barcelona não lhe davam parabéns. Para a surpresa do holandês, os culés lhe agradeciam pelo título. Para Salvador (2004), neste momento, Cruyff se torna um verdadeiro mito do barcelonismo. “Cruyff havia feito mais pelo orgulho da nação catalã em noventa minutos do que muitos políticos em anos de luta clãdestina”<sup>74</sup> (BURNS apud MOLES, 2013, p.27). De acordo com Moles (2013), o *Cruyffismo* foi o passo definitivo do catalanismo. A chegada do craque demonstrou como o grande líder transformou um time

<sup>72</sup> Tradução do autor. Texto original: “Malgrat l’ enorme eufòria que es vivia en els ambients blaugranes, poc es podia sospitar que la conjuminació entre èxit esportiu i significació sociopolítica es materialitzaria ben aviat d’ una forma plàstica i concreta, de la millor manera que l’ univers blaugrana havia mai pogut imaginar”.

<sup>73</sup> Tradução do autor. Texto original: “El club havia esdevingut la punta de llança de la lluita contra el centralisme del règim, i el defensor de propostes de democratització i catalanització de la societat”.

<sup>74</sup> Tradução do autor. Texto original: “Cruyff había hecho más por el ánimo de la nación catalana en noventa minutos que muchos políticos en años de lucha clandestina”.

apático numa equipe explosiva, sendo um retrato do que acontecia com a Catalunha e o Franquismo.

Em 1975, morreu o ditador Francisco Franco e, com isso, o regime também foi extinto. A Espanha passou por uma democratização. O governo se tornou uma Monarquia democrática e algumas regiões como o País Basco e a Catalunha recuperaram sua autonomia. Alguns dias depois de reestabelecida a Generalitat, o presidente catalão Josep Tarradellas fez o seguinte discurso em homenagem ao clube no estádio Camp Nou, onde, desde então, as bandeiras espanholas foram substituídas pelas bandeiras da Catalunha.

O nosso clube é grande porque sempre soube manter a fidelidade à Catalunha. É um clube pelo qual torço desde a Rua Indústria<sup>75</sup>. Naquela época, eram poucos, mas tinham a mesma fé que vocês. Aquele era o Barça de sempre, do qual vocês são os sucessores, e da sua catalanidade. Era toda a Catalunha que lutava por seus direitos e pelas suas liberdades e hoje as vozes encarnadas (...). Estou seguro que manterão essa catalanidade e que isso fará com que a nossa Catalunha siga mais rica que nunca, más forte, mais livre. E por isso, lhes dou meu profundo agradecimento. Viva o Barça e viva a Catalunha. (SALVADOR, 2004, p. 110)

Seria de espantar que um clube tão nacionalista tivesse entre seus principais ídolos três estrangeiros: o holandês Johann Cruyff, o búlgaro Hristo Stoichkov e o argentino Lionel Messi. Porém, dos três, apenas o último não tem tanta ligação com a luta pela independência catalã. Os outros dois se tornaram grandes partidários da região e foram praticamente adotados pelo povo catalão. Isso acontece porque, como explica Foer (2005), a cultura catalã é uma cultura antropofágica. A Catalunha foi, durante muito tempo, a porta de entrada da Península Ibérica e lá se concentravam as principais mentes da Espanha.

De acordo com ele, havia, inclusive, um certo preconceito entre os catalães, que se consideravam o símbolo do progresso e da modernidade, em relação aos madrilenos, os quais consideravam roceiros sem cultura. Por ter uma cultura tão voltada para as artes e para as ciências, os catalães se abriram ao mundo exterior, sabendo que poderiam adquirir o que os outros tivessem de melhor. Portanto, o nacionalismo catalão não se dá pelo sangue.

Os estrangeiros podem se tornar catalães porque a ideologia catalã sustenta que a cidadania é adquirida, e não herdada. Para tornar-se catalão, deve-se apenas aprender a língua catalã, desprezar a Espanha castelhana e amar o Barça. O nacionalismo catalão não é uma doutrina racial ou teocrática, mas uma religião profundamente cívica. O nacionalismo catalão é tão cego que o aceita mesmo que você tenha uma personalidade incontrolável. (FOER, 2005, p. 182)

---

<sup>75</sup> Rua na qual ficava situado o primeiro estádio do FC Barcelona.

Assim, o clube sempre se mostrou bastante receptivo a estrangeiros. Ao todo, 286 jogadores, de 47 nacionalidades diferentes<sup>76</sup> defenderam a camisa do clube em partidas oficiais ou amistosas. Muitos deles se identificaram plenamente e foram “adotados” pela nação catalã. Johann Cruyff, por exemplo, batizou seu terceiro filho de Jordi<sup>77</sup> em meio ao regime franquista, o que lhe rendeu problemas com o governo espanhol na época. Depois de jogar entre 1973 e 1978 no clube, o holandês voltou como treinador para conduzir a equipe ao sonho máximo, o de conquistar a UEFA Champions League, em 1993, competição a qual o Barcelona nunca havia conquistado. Inclusive, Cruyff foi o responsável por implementar a filosofia seguida pelo clube nos anos 90 e 2000 e um dos principais mentores de Josep Guardiola, que viria a se tornar o treinador culé mais vitorioso e revolucionar o futebol moderno, com o estilo *tic-tac*<sup>78</sup>.

O búlgaro Hristo Stoichkov foi eleito, de acordo com Foer (2005), o jogador mais popular do Barcelona em todos os tempos. Apesar não ser nascido na região, o atacante tinha tudo o que um catalão admira. “Stoichkov acreditava que o Barça devia jogar pela causa, e não por um contracheque. Poucos jogadores nativos da Catalunha têm defendido com maior entusiasmo a ideologia do clube ou do país” (FOER, 2005, p.181). O búlgaro também odiava o Real Madrid e se afiliou ao Partido pela Independência Catalã. Stoichkov chegou a, durante a Copa do Mundo de 1998, estender uma bandeira da Catalunha na janela de seu quarto no hotel na véspera de uma partida contra a Espanha e, no dia da partida, atuou com uma camisa representando a *senyera* por baixo da camisa da Bulgária. Com seu temperamento explosivo, ele representava a *rauxa*<sup>79</sup> dos catalães.

Hoje, com cerca de 150 mil sócios, o Barcelona é o quarto clube com o maior número de associados do mundo<sup>80</sup>. De acordo com Joan Laporta, presidente do clube entre 2003 e 2010, “O Barça é um elemento de integração para todos que vivem e trabalham na Catalunha [...] Em geral, há mais paixão, mais sentimento, mais vontade coletiva dos sócios do Barça do

<sup>76</sup> Fontes: <[https://buscandotrazos.files.wordpress.com/2012/10/jugadores\\_extranjeros\\_fcb.jpg](https://buscandotrazos.files.wordpress.com/2012/10/jugadores_extranjeros_fcb.jpg)> e <<http://www.ogol.com.br/equipa.php?id=40>>. Acessado em: 06/07/2016.

<sup>77</sup> Nome catalão para Jorge.

<sup>78</sup> O estilo *tic-tac* surgiu como uma alternativa ao jogo que vinha se desenvolvendo na primeira década dos anos 2000, de muita correria e alta preocupação defensiva. O sistema de jogo de Guardiola propunha uma volta aos anos 80, de muita troca de passes e valorização da posse de bola. O nome faz referência ao barulho do relógio, como uma metáfora das constantes e rápidas trocas de passe entre os jogadores. O estilo também foi base da seleção espanhola, que conquistou a Copa do Mundo em 2010 e a Euro em 2008 e 2012.

<sup>79</sup> A cultura catalã tem uma espécie de yin-yang própria. Para os catalães, eles devem procurar o equilíbrio entre a *seny*, que seria a razão, o pragmatismo e a *rauxa*, que representa a explosão, com surtos de violência.

<sup>80</sup> “Corinthians é o melhor brasileiro em ranking de sócios-torcedores. Veja lista”. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/selecao-sportv/noticia/2016/03/corinthians-e-o-melhor-brasileiro-em-ranking-de-socios-torcedores-veja-lista.html>>. Acessado em: 06/07/2016.

que nos outros clubes” (FC BARCELONA CONFIDENTIAL, 2004). Desde a chegada de Laporta, o clube vem buscando um resgate da sua identidade catalã, junto com uma adequação ao modelo de um futebol como negócio. Hoje, por exemplo, a devoção ao clube gera representa de 1,5% do PIB da Catalunha e quase todas as visitas turísticas têm o Camp Nou como um dos roteiros, gerando cerca de 906 milhões de euros para a cidade<sup>81</sup>. Até hoje, aos 17 minutos e 14 segundos de todos os tempos de jogo no Camp Nou a torcida grita pela independência da Catalunha, em referência à invasão das tropas borbônicas em 11 de setembro de 1714.

Esse “Catalanismo futebolístico” revitaliza-se por diversas formas, como: pela valorização da cantera<sup>82</sup>; pela rivalidade futebolística e étnico-territorial que se mantém com o Real Madrid CF (para vencer o Real Madrid e alcançar títulos internacionais, a contribuição de técnicos e jogadores estrangeiros é imprescindível); pelas manifestações dos seus torcedores e pelos símbolos que são associados ao clube, como é o caso da bandeira catalã<sup>83</sup>, provavelmente o mais emblemático de todos. Além de estar estampada no distintivo do clube e no bracelete do capitão da equipe, ela está sempre presente nos principais jogos e nas comemorações do clube, um indício de como o pertencimento clubístico, às vezes, transcende o próprio futebol (RIGO & TORRANO, 2013, p. 203)

## 2.2 Athletic de Bilbao

Até hoje, a origem tanto dos bascos quanto de seu idioma, o euskera, é uma incógnita. Historiadores acreditam que os bascos habitam a mesma região desde aproximadamente 2.000 a.C.<sup>84</sup> Recentemente, pesquisas realizadas pelo linguista espanhol Jaime Martín, a língua basca tem grande semelhança com o dogón, um dos idiomas falados em Mali. A teoria é que, durante o processo de desertificação da África, muitos dos povos que ali viviam migraram para o norte, em direção à Península Ibérica<sup>85</sup>.

Devido à escassez de riquezas naturais, de terras férteis e à dificuldade que o relevo irregular da região impunha aos avanços de tropas, os bascos quase não foram incomodados

---

<sup>81</sup> “#MÉSQUEUNCLUB | O PAPEL SIGNIFICATIVO DO FC BARCELONA NA ECONOMIA DA CIDADE”. Disponível em: <<http://www.futebolmarketing.com.br/2016/mesqueunclub-o-papel-significativo-do-fc-barcelona-na-economia-da-cidade/>>. Acessado em: 06/07/2016.

<sup>82</sup> Canteras, em espanhol, significa categorias de base. A base do Barcelona também é conhecida como *La Masia*.

<sup>83</sup> Na temporada 2013-2014, pela primeira vez na história, o FC Barcelona teve como um de seus uniformes, uma camisa com as cores da bandeira catalã. O feito se repetiu na temporada 2015-2016

<sup>84</sup> “O ABC das eleições no País Basco”. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010419\\_basco1.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010419_basco1.shtml)>. Acessado em: 07/07/2016.

<sup>85</sup> “Un lingüista asegura que el euskera procede del dogón”. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/local/pais-vasco/20130405/54370944010/linguista-euskera-dogon.html>>. Acessado em: 07/07/2016.

durante grande parte do tempo que o povo está assentado ali. A região de Euskal Herría<sup>86</sup> fica situada no norte-nordeste da Espanha e no sudeste da França, com uma área de cerca de 20 mil quilômetros quadrados e aproximadamente 3 milhões de habitantes. Lá, puderam conservar sua cultura, seus costumes e suas línguas, resistindo às inúmeras invasões que a Península Ibérica sofreu na Idade Média.

O que hoje se entende por Euskal Herría une diferentes regiões com diferentes pensamentos políticos, sendo a cultura e a língua os únicos elementos comuns a todas elas. Durante grande parte da história, o País Basco esteve representado no Reino de Navarra e em partes dos reinos de Aragão e Castilha.

No final do século XIX, o País Basco começou a atrair a atenção de espanhóis e estrangeiros. Com sua riqueza de minérios, Euskal Herría foi um importante polo na revolução industrial. Com a instalação de siderúrgicas e um processo de urbanização avançados, atraiu a atenção de imigrantes das outras regiões da Espanha e, também, de ingleses. Nessa época, surgiram as primeiras ideias separatistas bascas e, em 1895, se dá a criação do Partido Nacionalista Vasco (PNV).

Em 1898, surge o Athletic Club Bilbao, até então com grande influência inglesa em sua origem. Além do nome em inglês, a equipe usava um uniforme listrado branco e azul, inspirado no Blackburn Rovers. Segundo Costa (2014), numa ocasião, o encarregado por adquirir o uniforme do clube não encontrou o equipamento das cores do Blackburn e decidiu levar um inspirado no Sunderland, com listras verticais vermelhas e brancas e shorts pretos, uniforme que identifica o Athletic até os dias de hoje.

Se nos tempos atuais o clube é conhecido por aceitar apenas jogadores de origem basca, no começo de sua história não foi assim. Nos seus primeiros anos, o time do Athletic Bilbao era composto por muitos jogadores ingleses, o que causou insatisfação nos outros clubes da região à época. Então, em 1911, os Leones decidiram por aceitar apenas jogadores oriundos da província de Viscaya, restrição que foi ampliada na década de 60 para permitir a presença de atletas de todas as províncias de Euskal Herría. Atualmente, o clube também aceita jogadores que tenham origens bascas ou que tenham feito sua formação em clubes da região. Em 1922, o clube fez sua primeira mudança de identidade visual em seu escudo, fazendo referência a elementos que identificavam a província de Vizcaya: a igreja de e a ponte de San Antão, o rio Nérvion, a árvore de Guernica e três leões.

---

<sup>86</sup> Tradução do euskera para Terra Basca, compreende a região da Comunidade Autônoma do País Basco, a Comunidade Foral de Navarra e o Iparralde (País Basco Francês).

Durante o período da ditadura de Primo de Rivera, o clube basco não passou tantas dificuldades quanto o Barcelona. O Athletic chegou a emprestar sua identidade de jogo à seleção espanhola. De acordo com Díaz Noci (2000), o clube sempre se caracterizou pelo seu estilo de jogo viril e impetuoso e furioso. Conta-se que, nos Jogos Olímpicos de 1920, a seleção espanhola tinha quatro atletas do clube alvirrubro entre os titulares. Um deles, Belausteguigoitia, no jogo contra a Suécia, pediu a seu companheiro “Sabino, me dê a bola, que os destruo”, antes de marcar o gol de empate espanhol. A partir daí, os bascos emprestaram os valores de virilidade e o apelido de Fúria à seleção local.

Já se contou em repetidas ocasiões como o mito da "fúria espanhola" se forjou durante os Jogos Olímpicos de 1920, embora tudo isso se trate da "fúria basca" ou da "fúria do Athletic". Na verdade, o que o jogador José María Belausteguigoitia "Belauste", que foi quem, na teoria e na prática, deu corpo ao "estilo espanhol", foi o mesmo que, nos anos 40 e 50, se tornou a propaganda da Falange como "encarnação dos valores hispânicos masculinos: virilidade, impetuosidade e fúria" e que reaparece, de forma periódica, sobretudo, em tempos de dificuldade, quando sem infraestrutura cinetífica, o futebol espanhol se torna idealista e fundamenta seu jogo em valores espirituais, como a raça ou a fúria<sup>87</sup> (DÍAZ NOCI, 2000, p.5)

Os anos 20 e o começo dos anos 30 foram uma época de ouro para o Athletic. Em oito anos, o clube conquistou 16 troféus e se encaminhava para ser a maior potência do país. Porém, a Guerra Civil espanhola arruinou os planos do clube. Como vimos anteriormente, durante este período, as competições oficiais de futebol foram extintas. Os clubes de Euskal Herría compuseram uma seleção Euskadi, que saiu em excursão pela América. Após a tomada do poder pelo General Franco, os atletas que estiveram naquela seleção foram considerados desertores e proibidos de atuar profissionalmente pelo país. Além disso, o País Basco ficou devastado pela Guerra Civil, já que algumas das batalhas mais sangrentas, como o Bombardeio de Guernica<sup>88</sup>, ocorreram naquela região.

Após a Guerra Civil, a meta do Athletic Bilbao era a reconstrução, com poucos atletas à disposição e com uma diminuição drástica no número de associados, já antes da Guerra o

---

<sup>87</sup> Tradução do autor. Texto original: “Se ha puesto de manifiesto en repetidas ocasiones cómo el mito de la "furia española" se forja durante los juegos olímpicos de 1920, aunque sobre todo se trata de la "furia vasca" o la "furia del Athletic". En realidad, la que demostró el jugador José María Belausteguigoitia "Belauste", que es quien, en la teoría y en la práctica, dio cuerpo a esto del "estilo español", el mismo del que luego, en los años 40 y 50, hace propaganda la Falange como "encarnación de los valores hispánicos masculinos: virilidad, impetuosidad y furia", y que reaparece de forma periódica sobre todo en tiempos de penuria donde "sin infraestructura científica, el balompié hispano se vuelve idealista y fundamenta su juego en valores espirituales como la 'raza' o la 'furia'”

<sup>88</sup> A pequena cidade de Guernica, com cerca de 5 mil habitantes, foi alvo de um bombardeio aéreo, o qual serviu para as tropas de Franco testarem sua frota aérea e seu poder de destruição. A barbárie ocorrida naquela ocasião foi imortalizada na obra ‘Guernica’, de Pablo Picasso.

clube contava com mais de 3.000 sócios, e depois esse número caiu para 587. Durante o regime de Franco, o clube bilbaíno ainda viu seu nome ser obrigado a mudar para a grafia espanhola, da mesma forma que ocorrera com o Barcelona, passando a se chamar Club Atlético de Bilbao, nome que permaneceu até 1972, quando a lei que mudava as grafias das línguas regionais para a espanhola foi revogada.

Apesar das dificuldades, o Athletic conseguiu se recuperar com certa rapidez. Em 1940, o clube já conseguia atingir a marca de 1.500 sócios e, durante a década de 40, os Leones montaram uma das equipes mais vitoriosas de sua história, da qual fazia parte o atacante Telmo Zarra, terceiro maior goleador do Campeonato Espanhol<sup>89</sup>. Em 1977, a equipe chegou à final da Copa da UEFA. Aquela equipe era liderada pelo goleiro José Ángel Iribar, que tem duas passagens marcantes pelo clube.

A primeira no ano de 1975, um ano após a morte do ditador Francisco Franco. Naquela ocasião o Athletic Bilbao iria ao estádio da Real Sociedad, outro time da região de Vizcaya e com fortes identificações com os grupos separatistas, enfrentar seus rivais do País Basco. Naquela época, as manifestações regionalistas ainda estavam proibidas. Porém, Iribar entrou no estádio com uma bandeira de Euskal Herria (*Ikurriña*) escondida e entrou no gramado segurando a bandeira junto com o capitão da Real Sociedad, Kortabarría, estendendo-a no círculo central antes do apito inicial.

Em outro caso, de acordo com Almeida (2014), no mesmo ano, o goleiro entrou em campo com uma braçadeira negra. Alguns dias antes, cinco membros do ETA haviam sido assassinados. O ETA (Euskadi Ta Askatasuna)<sup>90</sup> é um grupo revolucionário nacionalista basco, criado em 1959, que ficou conhecido por promover atentados terroristas violentos na Espanha. Estima-se que os ataques do ETA mataram mais de 800 pessoas<sup>91</sup> e que ainda há mais de 450 integrantes do grupo presos<sup>92</sup>. O grupo declarou cessar fogo em 2011 e, desde então, não cometeu mais nenhum ato terrorista.

Embora o Athletic nunca tenha declarado apoio ao ETA publicamente, vê-se constantemente nas arquibancadas do San Mamés cartazes a favor do grupo e pela libertação de seus presos políticos. Há também um caso de 1998, quando o clube se negou a realizar um

---

<sup>89</sup> A marca de Telmo Zarra, que parou de jogar em 1957, de 251 gols só veio ser batida por Lionel Messi, em 2012, e por Cristiano Ronaldo, em 2016.

<sup>90</sup> Tradução em euskara para Pátria Basca e Liberdade.

<sup>91</sup> "Peace at Last?". Disponível em: < <http://www.smithsonianmag.com/people-places/peace-at-last-142666835/?no-ist=>>. Acesso em 18/07/2016.

<sup>92</sup> "81 terroristas de ETA abandonan la cárcel en 2014 y dejan la cifra de presos etarras en 465". Disponível em: < <http://www.cronicaglobal.com/es/notices/2015/01/81-terroristas-de-eta-abandonan-la-carcel-en-2014-y-dejan-la-cifra-de-presos-etarras-en-465-14714.php>>. Acesso em: 18/07/2016.

minuto de silêncio antes de uma partida, em memória de Alberto Jiménez-Becerril, político sevilhano, e sua esposa, Ascensión García Ortiz, procuradora dos tribunais de Sevilha, assassinados por um integrante do ETA.

Outro ponto de identificação do Athletic com o País Basco é em relação às suas categorias de base. Justamente por não poder contratar jogadores estrangeiros nem de outras regiões da Espanha, o clube precisa investir fortemente na formação dos jogadores que vivem em Euskal Herria. Para isso, o clube inaugurou, em 1970, seu centro de formação de jogadores, conhecido como Lezama, um terreno, segundo Unzueta (2011), de 130 mil metros quadrados, com sete campos de futebol, ginásio e outras instalações complementares, para garotos de nove anos de idade em diante. “Também é o nome que designa uma determinada filosofia esportiva e evoca, para milhares de crianças vizcaínas, seu maior sonho”<sup>93</sup> (UNZUETA, 2011, p.55). O clube também conta com duas filiais, que disputam divisões inferiores do futebol espanhol, para que os atletas já possam chegar com experiência ao time profissional.

Observa-se, portanto, que o fato de o clube investir de forma ostensiva na formação de novos atletas, coloca em evidência duas posições que nos tempos atuais são pouco comuns no futebol globalizado: primeiro, o apego à região de origem é elemento primordial para que um atleta possa disputar jogos oficiais pela equipe; sabe-se que além de se ensinar a jogar futebol, os jovens candidatos a jogadores profissionais também aprendem tudo o que o clube representa para a cidade, para a província e para o território basco; em segundo lugar, ao renunciar aos ditames do mercado futebolístico, o time de Bilbao recorre a um modelo que significa baratear os custos para a formação de um elenco, mesmo que isso não signifique grandes conquistas dentro das quatro linhas (afinal, o clube não conquista um título no futebol profissional masculino desde o dobrete de 1984, quando sagrou-se campeão da Liga e da Copa). Ao contrário de Real Madrid, Barcelona ou Atletico de Madrid, que recorrem aos mercados para comporem seus elencos, (o time catalão também mantém um trabalho de formação considerável) a equipe biscaína mantém dois clubes menores disputando divisões inferiores, o já citado C. D. Baskonia e o Bilbao Athletic, como centros de formação de novos jogadores para suprir as necessidades da equipe (COSTA, 2014, p. 8)

Alguns argumentam que a filosofia do Athletic é xenófoba e racista. O clube e seus torcedores se defendem, argumentando que a filosofia da equipe apenas defende o princípio de autodeterminação dos povos. Para reforçar essa ideia, uma das principais torcidas organizadas dos Leones, chamada de *Herri Norte*, Povo do Norte em euskera, se declara

---

<sup>93</sup> Tradução do autor. Texto original: “Pero también el nombre que designa una determinada filosofía deportiva, y evoca, para miles de chavales vizcaínos, su máxima ilusión”.

“101% antifascistas e antirracistas”<sup>94</sup>. Além disso, Jonás Ramalho, nascido em Vizcaya e filho de pai angolano com mãe vasca, se tornou o primeiro negro a atuar pelo clube, em 2011. Já em 2015, Iñaki Williams, nascido em Bilbao e filho de liberianos refugiados por causa da guerra civil em seu país de origem, se converteu no primeiro jogador negro a marcar um gol pelo Athletic.

Outro caso emblemático da relação que Athletic Bilbao e Barcelona têm com o País Basco e a Catalunha, respectivamente, se deu na final da Copa del Rey de 2009. A decisão foi disputada entre as duas equipes. No momento da execução do hino nacional espanhol, torcedores tanto do Barça quanto do Athletic presentes ao estádio em Valencia vaiaram de forma que o som das vaias abafou completamente o sistema de som do estádio. Além disso, alguns grupos de torcedores viraram de costas para o rei Juan Carlos, que estava presente na tribuna de honra.

O caso ganhou ainda maior repercussão porque a TVE, rede de televisão pública espanhola, cortou a transmissão no momento das vaias, chamando um repórter que estava com torcedores do Athletic em Bilbao. Posteriormente, a equipe alegou que foi uma falha de cálculo sobre o momento que o hino seria executado no estádio. No intervalo da partida, a transmissão mostrou a execução do hino, porém com um áudio editado, sem as vaias. O episódio das vaias voltou a ocorrer em 2012 e 2015, quando as duas equipes fizeram a final da competição. A política madrilenha Esperanza Aguirre chegou a pedir a exclusão do Barça e do Athletic da Copa del Rey, sendo prontamente comparada a Primo de Rivera<sup>95</sup>, lembrando o caso que o ditador fechou as portas do Barça após vaias da torcida ao hino espanhol.

Por todas essas considerações é que se credita ao Athletic como uma organização que caminha na direção oposta aos ditames do futebol moderno, investindo quase que todos os recursos disponíveis para a contratação de jogadores no mercado futebolístico na formação de atletas (COSTA, 2014, p.7).

---

<sup>94</sup> “Lado B: Da ditadura ao separatismo, futebol e política caminham de mãos dadas na Espanha”. Disponível em: < [http://espn.uol.com.br/noticia/512895\\_lado-b-da-ditadura-ao-separatismo-futebol-e-politica-caminham-de-maos-dadas-na-espanha](http://espn.uol.com.br/noticia/512895_lado-b-da-ditadura-ao-separatismo-futebol-e-politica-caminham-de-maos-dadas-na-espanha)>. Acesso em 18/07/2016.

<sup>95</sup> “Aguirre emula a Primo de Rivera en su intento de echar al Barça y el Athletic de la Copa del Rey”. Disponível em: < <http://www.elplural.com/2015/03/10/aguirre-emula-a-primo-de-rivera-en-su-intento-de-echar-al-barca-y-el-athletic-de-la-copa-del-rey>>. Acesso em: 18/07/2016.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, portanto que as identidades nacionais estão entrando em crise no mundo pós-moderno. E no futebol, as identidades nacionais estão sendo substituídas pelas identidades clubísticas. Como os clubes estão cada vez mais se tornando empresas transnacionais, a televisão e a internet diminuíram as fronteiras e, agora, permitem a transmissão ao vivo de campeonatos europeus, a identificação com os clubes já estão ultrapassando as barreiras. Como os principais jogadores brasileiros estão indo atuar no futebol europeu, está cada vez mais comum que torcedores brasileiros torçam para os times europeus que para times brasileiros.

Ao mesmo tempo, está havendo uma mudança na forma com a qual o brasileiro se relaciona com o estádio de futebol. A cultura de estádio no Brasil está mudando de um local de integração de classes sociais, para um lugar mais elitista. A festa nos estádios está sendo substituída pelo conforto. Cada vez mais se importam os valores do futebol europeu, sem que se conservem algumas características próprias do futebol brasileiro.

Você já entrou, alguma vez, num estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo, e escute. Não há nada menos vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém. Em Wembley ainda soa a gritaria do Mundial de 66, que a Inglaterra ganhou, mas aguçando o ouvido você pode escutar gemidos que vêm de 53, quando os húngaros golearam a seleção inglesa. O Estádio Centenário, de Montevideo, suspira de nostalgia pelas glórias do futebol uruguaio. O Maracanã continua chorando a derrota brasileira no Mundial de 50. Na Bombonera de Buenos Aires, trepidam tambores de há meio século. Das profundezas do estádio Azteca, ressoam os ecos dos cânticos cerimoniais do antigo jogo mexicano de pelota. Fala em catalão o cimento do Camp Nou, em Barcelona, e em euskera conversam as arquibancadas do San Mamés, em Bilbao. Em Milão, o fantasma de Giuseppe Meazza mete gols que fazem vibrar o estádio que leva seu nome. A final do Mundial de 74, ganho pela Alemanha, continua sendo jogada, dia após dia e noite após noite, no estádio Olímpico de Munique. O estádio do rei Fahd, na Arábia Saudita, tem palco de mármore e ouro e tribunas atapetadas, mas não tem memória nem grande coisa que dizer. (GALEANO, 2015, p.26)

Hoje em dia, o torcedor brasileiro prefere ficar em casa assistindo a uma partida de um clube europeu porque ele não está mais identificado com o estádio de futebol como ele se acostuiu. “Ser um adepto de futebol não tem propriamente a ver com assistir a um grande jogo. Trata-se sim de investir tempo e pertencer a algo, à entidade que é o clube de futebol” (ALMEIDA, 2014, p. 11).

Porém vimos, também, que existem formas de se adequar ao futebol moderno sem perder suas origens culturais. É o conceito da glocalização aplicado ao futebol. O Barcelona serve como exemplo do clube que moldou as características do futebol globalizado às suas

particularidades. Como já foi citado, a maior parte da torcida, identifica o clube instantaneamente à Catalunha independente da nacionalidade dos jogadores e do técnico. Isso porque, durante as ditaduras na Espanha no século XX, o estádio do clube era o único lugar onde os catalães podiam exprimir sua catalanidade.

Já o Athletic Bilbao representa a resistência à globalização. De acordo com Almeida (2014), 76% dos torcedores afirmam que preferem manter a tradição de ter apenas bascos mesmo que isso custe a queda da equipe à Segunda Divisão espanhola, algo que nunca aconteceu ao clube<sup>96</sup>. Curiosamente, identificação com o País Basco vale mais para os torcedores do Athletic do que o que deveria ser o objetivo de um clube de futebol: o desempenho esportivo.

Contrariando a ideia de que a globalização iria resultar numa homogeneidade cultural, este caso demonstra que as culturas locais não assimilam passivamente as grandes tendências políticas, económicas e culturais. Pelo contrário, elas manipulam qualquer produto cultural e redefinem-no de acordo com os seus valores. (ALMEIDA, 2014, p.11)

Em alguns locais, como na Alemanha, por exemplo, já existem estádios que se adequam à necessidade do torcedor. É o caso do Signal Iduna Park, do Borussia Dortmund, que tem um setor, atrás de um dos gols, apelidado de “Muralha Amarela”, com assentos removíveis. Quando a equipe joga pela UEFA Champions League, os assentos são colocados, pois é obrigação que todos os lugares do estádio sejam sentados. Já quando a partida é pelo Campeonato Alemão, os assentos são removidos e os torcedores podem ficar em pé. Portanto, os clubes brasileiros deveriam buscar opções como as aqui citadas para manterem suas raízes culturais.

---

<sup>96</sup> Athletic Bilbao, Barcelona e Real Madrid são as únicas três equipes que jogaram todas as edições da elite do Campeonato Espanhol, desde sua criação, sem jamais terem sido rebaixados à Segunda Divisão.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Pedro. Futebol, Identidade E Resistência No Século XXI: a política de governação do Athletic de Bilbao. VIII Congresso Português de Sociologia. **Anais...** Évora: VIII Congresso Português de Sociologia, 2014.
- ATHLETIC: um siglo de pasión. Direção: Pedro Olea. Produção: DEM4. Espanha: EITB, 1998. Disponível em: < [https://youtu.be/LxD7S\\_AZssA](https://youtu.be/LxD7S_AZssA)>. Acesso em: 06/07/2016.
- BARCELONA confidencial. Direção: Daniel Hernández & Justin Webster. Espanha: ALEA TV & JWP, 2004. Disponível em: < <https://youtu.be/O-gdggr0N4o>>. Acesso em: 23/06/2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista?. In:\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BURNS, Jimmy. **Barça: la pasión de un pueblo**. Barcelona: Ed. Anagrama. 1999.
- CARLIN, John. **Anjos Brancos à beira do inferno: os bastidores do Real Madrid**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- CATALUNHA. Generalitat de Catalunya. **Entre la repressió i la represa: les polítiques estatals en l'administració, educació, vida pública i cultural**. Disponível em: <<http://www.gencat.cat/culturcat/portal/site/culturacatalana/menuitem.be2bc4cc4c5aec88f94a9710b0c0e1a0/index58ea.html?vgnextoid=23885c43da896210VgnVCM1000000b0c1e0aRCD&vgnnextchannel=23885c43da896210VgnVCM1000000b0c1e0aRCD&vgnnextfmt=detall2&contentid=e385edfc49ed7210VgnVCM1000008d0c1e0aRCD>>. Acesso em: 28/06/2016.
- \_\_\_\_\_. **La Renaixença cultural i el redreçament econòmic. Revolució industrial**. Disponível em: <<http://www.gencat.cat/culturcat/portal/site/culturacatalana/menuitem.be2bc4cc4c5aec88f94a9710b0c0e1a0/index737c.html?vgnextoid=841c5c43da896210VgnVCM1000000b0c1e0aRCD&vgnnextchannel=841c5c43da896210VgnVCM1000000b0c1e0aRCD&vgnnextfmt=detall2&contentid=b13f3c084ded7210VgnVCM1000008d0c1e0aRCD>>. Acesso em: 28/06/2016.
- CERVERA, César. Así es la historia de Cataluña: en busca de una nación que nunca existió. **Abc**, Madrid, 25 set 2015. Disponível em: <<http://www.abc.es/espana/20150925/abci-historia-cataluna-nacion-inexistente-201509241227.html>>. Acesso em: 28/06/2016.
- COELHO, Frederico Oliveira. Contracultura. In: SILVA, Francisco Carlos T. et all (org). **Enciclopédia de Guerras e Revoluções de Século XX**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

COSTA, Mário Sérgio Barbosa. Futebol e Identidade: o Athletic Club como representante do nacionalismo basco. In: 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2014, Natal. **Anais...** Natal: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014.

DÍAZ NOCI, Javier. Los nacionalistas van al fútbol. Deporte, ideología y periodismo em los años 20 y 30. In: **ZER Revista de Estudios de Comunicación**, Bilbao: Universidad del País Vasco / Euskal Herriko Unibertsitatea, v. 5, n. 9, p. 357-394, nov. 2000.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1995.

FIGOLS, Victor de Leonardo. **Barça, més que un club: O FC Barcelona durante o franquismo (1968-1969)**. 2013. 63 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado/Licenciatura em História). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.

\_\_\_\_\_. O estádio como espaço de afirmação do nacionalismo catalão. In: **Projeto História (PUCSP)**, v. 49, p. 1-32, jan./abr. 2014.

\_\_\_\_\_. O més que un club em xeque: globalização do futebol e nacionalismo catalão no centenário do FC Barcelona. In: Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fórum de Pesquisas em Comunicação, Esporte e Cultura, 2014.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\*FOCAULT, Michel. Vigiar e Punir.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GLICIO, Sérgio Settani & SILVA, Diana Mendes Machado da (org.). **O Brasil e as Copas do Mundo**. São Paulo: Zagodoni, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBBSBAWM, Eric. As nações e o nacionalismo no novo século. In: \_\_\_\_\_. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KROEBER, Alfred. O superorgânico. In: Donald Pierson (org.), **Estudos de organização social**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIMA, Luiz Costa. Introdução geral da comunicação e cultura de massa. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da cultura de massa**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\*MAALOUF, Amin. Mi Identidad, mis pertenencias. In: \_\_\_\_\_. **Identidades Asesinas**. Madri: Alianza, 1999.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP 1972.

\_\_\_\_\_. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

MODEO, Sandro. **O Barça: todos os segredos do melhor time do mundo**. Rio de Janeiro: Qualimark Editora, 2012.

MOLES, Alejandro Lebrón. **El Barça i el franquisme**. 2013. Monografia (Graduação em História). Universitat de Barcelona, Barcelona, Espanha. 2013.

**O TERMINAL**. Produção de Steven Spielberg. EUA: DreamWorks Pictures, 2004. Disponível em: <<http://www.netflix.com>>. (128 min).

PASOLINI, Pier Paolo. Il Calcio è un linguaggio con i suoi poeti e prosatori. **Il Giorno**. 3 jan. 1971. Disponível em: <[http://www.storiedicalcio.altervista.org/pasolini\\_calcio.html](http://www.storiedicalcio.altervista.org/pasolini_calcio.html)>. Acesso em: 10/05/2016.

PEREIRA, Camila Augusta. Copa do Mundo 2014: Consumo, Diversão, Lazer e Código de Conduta nas Arenas FIFA. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 37, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015.

RIGO, Luiz Carlos & TORRANO, Conrad Vilanou. Identidades dos clubes de futebol: singularidades do FC Barcelona. In: **Movimento**. Vol. 19, nº3, Porto Alegre: 2010 p. 191-210.

SANTACANA Y TORRES, Carles. **El Barça i el franquisme**. Barcelona: Ed.Mina, 2005.

SALVADOR, Jordi. **Futbol, metàfora d'una guerra freda: un estudi antropològic del Barça**. 2004. 406f. Tese (Doutorado em Antropologia, Cultura e Sociedade). Departament d'Antropologia, Filosofia i Treball Social. Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha, 2004. p. 69-280.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A televisão é uma forma de vida**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 16, p.18-35, dez. 2001. Entrevista concedida a Paulo Cirne Caldas.

TURCI, Érica. Reino de Espanha: O primeiro império global da era moderna. **Uol**, 05 abr 2010. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/reino-de-espanha-o-primeiro-imperio-global-da-era-moderna.htm>>. Acessado em: 28/06/2016.

UN silgo y 90 minutos. Direção: Unai Larrea. Produção: EiTB & Athletic Club. Bilbao: EiTB, 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/YhCrTqkiZww>>. Acesso em: 06/07/2016.

UNZUETA, Patxo. **A mi el pelotón**. Barcelona: Roca Editorial, 2011.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo Companhia das Letras, 2008.

ZAMORANO, Abraham. ¿Ha sido Cataluña independiente alguna vez en la historia?. **BBC**, 09 nov 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/mundo/noticias/2014/11/141009\\_espana\\_catalunya\\_independencia\\_az](http://www.bbc.com/mundo/noticias/2014/11/141009_espana_catalunya_independencia_az)>. Acessado em: 28/08/2016.